

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Victor Cavalcanti Cesar

**20 ANOS APÓS A LEI 10.639/03:
AS ENCRUZILHADAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Victor Cavalcanti Cesar

Título do trabalho: 20 anos após a Lei 10.639: as encruzilhadas da Educação Física Escolar

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) **Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Pítias Alves Lobo, Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Victor Cavalcanti Cesar, Discente**, em 27/02/2023, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3527199** e o código CRC **9D8F3B95**.

Victor Cavalcanti Cesar

**20 ANOS APÓS A LEI 10.639/03:
AS ENCRUZILHADAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pítias Alves Lobo

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cesar, Victor Cavalvanti

20 anos após a lei 10.639 [manuscrito] : as encruzilhadas na Educação Física Escolar / Victor Cavalvanti Cesar. - 2023.

LXI, 61 f.: il.

Orientador: Prof. Pitias Alves Lobo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

1. Cultura. 2. Pedagogia das Encruzilhadas. 3. Lei 10.639. 4. Educação Física Escolar. I. Lobo, Pitias Alves, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **08/02/2023**, às **16 horas**, de forma **presencial**, na **sala 07 da FEFD**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**20 anos após a Lei 10.639: as encruzilhadas da Educação Física Escolar**”, de autoria de **Victor Cavalcanti Cesar**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Pítias Alves Lobo - orientador CEPAE/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Luana Zanotto - FEFD/UFG** e **Profa. Ms. Juliana de Oliveira Ferreira (Juliana Jardel) - Instituto Federal de Goiás/Campus Aparecida de Goiânia - Curso de Dança (Licenciatura)**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Pítias Alves Lobo, Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luana Zanotto, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 28/02/2023, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JULIANA DE OLIVEIRA FERREIRA, Usuário Externo**, em 01/03/2023, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3527197** e o código CRC **177A9E19**.

Este trabalho é dedicado à minha comunidade.

AGRADECIMENTOS

Laroyê Esù!

Para iniciar um texto sobre agradecimentos não poderia ser diferente, saudando o Senhor do mercado-mundo para que possamos cultivar o bom caráter e propiciar as boas trocas necessárias para a construção da comunicação.

Agradeço aos meus ancestrais, os vivos, os que já retornaram à massa de origem e aqueles que através do encanto seguem incorporados em nossa narrativa. Sendo assim, agradeço aos meus familiares, a minha mãe e meu pai em especial, sem seu amor, teimosia, cobrança e carinho esse trabalho não seria possível. Agradeço a minha tia, pois sem seu exemplo não enxergaria a vida na Universidade dessa forma. Agradeço aos meus avós maternos, sem suas rezas de certo teria ficado pelo caminho. Agradeço a Osùn, na figura da minha avó e de minha Iyá, ressignificam o que entendo por família a partir da comunidade, logo, peço a benção do meu povo.

Agradeço a grande encruzilhada que é o ensino superior que permitiu que o destino se tornasse o caminho e junto a apropriação dos conhecimentos necessários eu ainda pudesse fazer grandes amizades e conhecer figuras memoráveis que adicionaram suas histórias a narrativa desse trabalho. Agradeço ao meu orientador, aos estudantes, ao corpo docente e ao coletivo de terceirizados da universidade que lutam por uma Educação crítica, de qualidade e pública.

O rio que esquece sua nascente, seca.

(Iyá Alice de Osùn)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso foi motivado pelo aniversário de 20 anos da Lei 10.639 e objetiva analisar as suas *encruzilhadas* com a Educação Física Escolar. Foi realizado um estudo teórico, produto de um levantamento bibliográfico de teses, dissertações, artigos e livros que dialogam com essa temática tendo como referência o Materialismo Histórico-Dialético e a interseccionalidade para explicar fenômenos como: o racismo e a colonialidade. Nessa direção, dialogamos com Simas e Rufino (2018) para refletir sobre uma pedagogia violentamente antirracista. Concluiu-se que a ancestralidade se apresenta como um caminho para a restituição do protagonismo ao povo negro e formação de uma identidade capaz de ressignificar a educação e promover as boas-trocas no mercado mundo. A *neurose* social produzida pelo racismo estrutural dificulta a apropriação das ciências assentes em uma epistemologia contra-colonial. Para a superação desse problema defendeu-se a contradição da imposição. Sinteticamente, tratou-se do uso da comunicação para a produção de saberes cismados, críticos, capazes de movimentar um sistema historicamente *engessado*. Junto a isso, a educação física escolar tornou-se um caminho potente entre os limites e as possibilidades de superação de sua práxis pedagógica, subvertendo o mono racionalismo racista e *despachando* sua história única.

Palavras-chave: cultura; pedagogia das encruzilhadas; lei 10.639/03; educação física escolar.

ABSTRACT

This work was motivated by the 20 years' anniversary of the law 10.639 and aims to analyze the it's crossroads with School Physical Education. It was realized a theoretical study, product of a bibliographical survey of tesis, dissertations, articles and books that dialogues with this thematic, having as its founder method the historical-dialectical materialism and intersectionality to explain phenomena such as racism and coloniality. In this direction, we dialogued with Simas and Rufino (2018) to reflect about a pedagogy violently anti-racist. It was concluded that Ancestrality presents itself as a path for the restitution of black people's protagonism and the formation of an identity capable of resignify the education and to promote good trades in the market-world.. The social neurosis produced by structural racism complicates the appropriation of sciences based in a counter colonialism epistemology. To overcome this problem was defended the contradiction of the imposition. Synthetically, it is about the use of communication to produce brooding knowledges, critics, capables of moving an historic plastered system. Within that, Scholar PE becomes a potent path between limits and possibilities to the superation of its pedagogical praxis, subverting the racist mono rationalism and sending away the unic history.

Key words: Culture, Crossroads Pedagogy, Legal Orders, School Physical Education.

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| CAPÍTULO 1 - ABYAN..... | 14 |
| CAPÍTULO 2 - YAWO..... | 27 |
| CAPÍTULO 3 - EGBOMY..... | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 52 |
| REFERÊNCIAS..... | 55 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como estímulo o aniversário de 20 anos da Lei 10.639/03, problematizando as possíveis encruzilhadas com a Educação Física Escolar (EF), a questão de ordem do inconsciente que circunscreveu essa produção foi encontrada na obra de Gomes (2019): ``Professor, você podia perguntar se alguém já quis trocar ou nascer de outra raça. (p. 163)`` para tentar responder essa questão foram traçados os objetivos; o geral sendo: conhecer e compreender a produção do conhecimento que aborda as relações étnico-raciais e a cultura negra na EF escolar e seu processo de validação e como específicos: identificar as produções publicadas em formato de teses, dissertações, livros e artigos em língua portuguesa no escopo da Educação e Educação Física que abordam temáticas sobre a cultura negra; definir descritores de pesquisa que possibilitem a seleção de títulos e resumos nos repositórios e banco de dados digitais sobre a temática da pesquisa e apresentar a análise sistemática dos dados encontrados e; refletir sobre a importância das produções de conhecimento para pensar a questão racial na EF escolar. Para a elaboração do referencial teórico se construiu uma metodologia a partir das produções de Gil (2002,2008), no intuito de teorizar e estruturar as etapas de produção da seguinte monografia. Nesse ínterim, trabalharei o método dialético, especificamente o materialismo, desenvolvido por Marx e Engels. Apesar de carregar o mesmo nome que a teoria proposta por Hegel, esses autores compreendem que a mesma discorre sobre a hegemonia da matéria sobre as ideias em contraponto com o defendido pelo mesmo. Karl Marx e Friedrich Engels, que "viraram a dialética de cabeça para baixo" e ``apresentaram-na em bases materialistas, ou seja, admitindo a hegemonia da matéria em relação às ideias. `` (GIL, 2008, p.13).

O materialismo dialético pode, pois, ser entendido como um método de interpretação da realidade, que se fundamenta em três grandes princípios (ENGELS, 1974):

- a) A unidade dos opostos. Todos os objetos e fenômenos apresentam aspectos contraditórios, que são organicamente unidos e constituem a indissolúvel unidade dos opostos. Os opostos não se apresentam simplesmente lado a lado, mas num estado constante de luta entre si. A luta dos opostos constitui a fonte do desenvolvimento da realidade.
- b) Quantidade e qualidade. Quantidade e qualidade são características imanentes a todos os objetos e fenômenos e estão inter-relacionados. No processo de desenvolvimento, as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas e essa transformação opera-se por saltos.
- c) Negação da negação. A mudança nega o que é mudado e o resultado, por sua vez, é negado, mas esta segunda negação conduz a um desenvolvimento e não a um retorno ao que era antes. (GIL, 2008, p.13)

Tal método estabelece que fatores sociais não podem ser observados isoladamente, ignorando suas influências políticas, econômicas, sociais, etc. Entende e fornece bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, e distanciando de um modo de pensar que privilegie a quantificação, principalmente o positivismo. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a óptica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos (GIL, 2008).

Esse estudo teórico terá caráter exploratório, os quais têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Ressalta-se, portanto, que o objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, em sua maioria, bastante flexível, de modo que possibilitará considerações dos mais variados aspectos relativos ao objeto estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 63 *apud* GIL, 2002, p. 41).

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002)

Os dados foram obtidos através de teses, dissertações, livros e artigos científicos, acessados através do Banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (teses e dissertações de programas de pós-graduação em Educação e EF) e *site* dos periódicos científicos da EF e da Educação que discutem educação escolar como a revista *Motrivivência*, a busca foi realizada por descritores, para a produção em EF: “EF + 10.639 ”; “EF + cultura negra”; “cultura corporal + encruzilhada”; Para a produção em Educação: “escola + encruzilhada”; “escola + 10.639”; “escola + cultura negra” “educação + relações étnico raciais”; “educação + cultura negra”; “educação + contra colonialidade”. Como critério de seleção foram estabelecidos que os textos deveriam apresentar vinculação teórico-metodológica ao Materialismo-Histórico-Dialético (MHD).

Anterior a apresentação da problemática central de pesquisa é necessário que alguns fatores, sejam conceituados, dentre eles a própria *lei 10.639/03*, a mesma torna obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, assim como a luta dos negros no Brasil e sua relevância histórica para a formação da sociedade nacional em todo o currículo, em especial nas áreas de Artes, Literatura e História. Antes que se possa discutir sobre sua implementação, relevância ou eficácia, é necessário que se problematize sobre quem escreveu essa lei e sobre quem ela discorre, o conjunto de conteúdos e suas inserções na realidade escolar são produto da luta do Movimento Negro brasileiro, contudo, os signos apropriados são em função de um pensamento euro-cristão, logo, reproduzem o seu sistema organizacional e epistemológico nessas relações. Sendo uma tese assentada em *Esù*, orixá da comunicação e das encruzilhadas, trata-se da análise de um conjunto polissêmico, inserido em sua própria materialidade. Analogicamente ao se debruçar sobre as relações étnico-raciais tendo como base o olhar do colonizador, é *claro*, que esses signos terão seus significados em função da colonialidade e da escravidão, é de suma importância que se assuma uma perspectiva pautada na pluriversalidade e por conseguinte, na análise de narrativas plurais, superando o local hierárquico e produzindo uma encruzilhada. Dessa feita, em contraponto com o uso do itálico somente para referenciar termos estrangeiros, o mesmo será utilizado para evidenciar as incoerências irônicas dessa produção, ``*Pra ficar mais claro, eu escureci.* (SAPIÊNCIA, 2016).''¹

O problema de pesquisa nos propõe a discutir sobre os 20 anos da lei 10.639/03 e as suas encruzilhadas na Educação Física, partindo do pressuposto academicista, temos a presença do tempo cronológico, de uma porção dos conjuntos legislativos, de um espaço físico e cultural, assim como, de uma área de conhecimento que se apropria de ciências exatas, biológicas e históricas, por conseguinte, humanas. Para tanto, esse estudo discorre sobre eu, já que mim não conjuga verbos, em uma breve digressão, é sobre a possibilidade de um acadêmico negro e de terreiro de narrar a sua história e a história de seu povo, enquanto um narrador personagem e protagonista, rechaçando a compulsão histórica e estrutural do racismo, do local de coadjuvante ou objeto de estudo nas produções alvas de linhas claras e epístemes eurocêntricas, trata-se da síntese agraciada pelo tempo, ao longo da graduação em EF e projeto de vida. Partindo do pensamento contra-colonial e portanto, da partilha de uma lógica assente em outra epistemologia, trata-se, de um ser que só existe por e pela sua comunidade, logo, esse conjunto de escritos não discorre somente sobre o “eu”, trata de uma rede de apoio, uma comunidade, um conjunto de *prespectivas* (preto e perspectivas) que discorre sobre a circularidade e o movimento espiral e contraditório necessário para a produção de um saber cismado, *amigo* da dúvida e a *amante* de narrativas que contemplem o pluriverso de trânsitos manifestados pela cultura negra para além do atlântico.

¹ Referência a música de Rincon Sapiência, Ponta de lança, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/vau8mq3KcRw>

Para tanto, se propõe a discussão da temática em três capítulos, o primeiro discorre sobre a *Lei 10.639/03*, seus apontamentos relativos à história, à cultura e à educação. No segundo capítulo, se discute sobre as encruzilhadas, sua problematização geográfica está posta pela relação assimétrica entre as margens e os centros, seus questionamentos culturais, por sua vez, estão postos entre as relações epistemológicas produzidas pelos trânsitos dos corpos negros em uma sociedade notoriamente racista, o que acaba por gerar estereótipos sobre o que é negro e o que deixa de ser, em certa medida, esse posicionamento acaba por questionar os locais apropriados para cada corpo e por conseguinte qual deveria ser o padrão buscado por esses indivíduos. Ginga-se com os referenciais pré-concebidos e a partir de questões psicológicas discute-se as psiques e neuroses geradas pelas trocas entre colonizador e colonizado. No terceiro capítulo, objetiva-se discutir as relações estabelecidas entre o ser violentamente humanizado e a EF, campo de conhecimentos que quando perpassados pela ótica crítica e marxista ditam sobre possibilidades emancipatórias que dialogam com um objeto assente na cultura corporal. Mais do que uma espécie de manifesto, o trabalho visa discutir sobre o óbvio, aquilo que já foi acumulado anteriormente pelas mais velhas e mais velhos, mas que, contudo, não foi valorizado pela elite possuidora do capital cultural e do notório saber acadêmico, intitulado por ciência.

Contradizendo o movimento egóico, trata-se de uma pesquisa na qual o pesquisador faz parte do objeto analisado superando a falsa neutralidade necessária para produzir uma ciência mono racional. Possibilitando a subversão do pensamento, necessária para a mudança do paradigma de universo por pluriverso, dessa forma, a educação baseada na égide da cruz é alterada transformando-se em encruzilhada, de acordo com Simas e Rufino (2018):

Cabe ressaltar que a dimensão do cruzo com uma rasura não busca a negação total das compreensões afetadas; a arte do cruzo busca o encantamento das mesmas: desamarramos para atar de outra maneira, engolimos para cuspir de forma transformada. assim, não estamos defendendo a substituição das bases conceituais centradas em um modo de racionalidade dominante por outras assentes em racionalidades emergentes. a nossa sugestão é que as macumbas brasileiras compreendam-se como um complexo de saberes que forjam epistemologias próprias, cosmopolitas e pluriversais. nesse sentido, a relação com diferentes saberes potencializaria a prática do cruzo, em um exercício dialógico e polirracionalista. (SIMAS; RUFINO, 2018, p.27)

Logo, uma EF que se apropria da lei 10.639/03 deve possuir em seu fundamento a luta antirracista, o que perpassa o diálogo com outras epistemologias além da eurocentrada. Em função dos saberes ancestrais acumulados nos corpos negros e nos chão de terreiro foram nomeados a partir do idioma iorubá preservado durante a Diáspora, da seguinte forma: Capítulo 1- *Abyan*, sendo aquele ou aquela que acabou de chegar, um interessado por novos caminhos ou pela retomada da ancestralidade; Capítulo 2- *Yawo*, que significa esposa, aquele ou aquela que começa a edificar a sua identidade e firma laços para com seus ancestrais tornando-se por fim; Capítulo 3- *Egbomy*,

irmã ou irmão mais velho, aquele que recebe o cargo do próprio tempo que agora se junta a comunidade como um ancestre vivo, responsável pela educação e luta pela resistência de seu povo

CAPÍTULO 1

Abyan

*“Povo guerreiro bate tambor, comemora a liberdade,
mas a igualdade não chegou”*

Criolo Doido

A presente escrita deste capítulo visa abordar a lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003 que traz alterações à lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. (BRASIL, 1996; 2003)

Art.26- A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3o (VETADO).

A primeira grande alteração está exposta no excerto acima, torna-se obrigatório o ensino da História Africana e Afro-Brasileira, da Cultura Afro-Brasileira e do papel do Negro para a formação da sociedade nacional devendo estar presentes em todo o currículo escolar.

Como Noguera (2014) em sua obra o Ensino de Filosofia e a Lei 10.639/03, pontua muito bem, não se trata do esquecimento de sua substituição pela Lei 11.645/08, esse recorte é intencional por considerar a mesma como um marco simbólico e político, produto da luta do Movimento Negro. Desse modo a sua alteração foi o resultado das articulações dos povos indígenas, trata-se de compreender que sua mudança depois de cinco anos foi resultado do protagonismo e organização dos povos originários com o apoio do movimento negro. Realizando uma breve menção ao conceito de negro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², como sendo os pretos e pardos, contudo nem todos os pardos são negros, ou seja, nem todos os pardos tem a sua ancestralidade em África, muitos deles são descendentes das etnias indígenas, sendo assim necessário uma alteração na lei para que pudesse contemplar a diversidade brasileira.

² <https://www.ibge.gov.br/>

Para começarmos a discutir História é necessário que o *coro* se *dobre* para a chegada de Adichie (2009)³. Ela convida a pensar sobre o perigo da história única, a autora nigeriana conta que durante sua infância sempre gostou de ler; os livros americanos e britânicos eram mais fáceis de encontrar que os africanos e as histórias contavam sobre uma vida que ela desconhecia, cuja as personagens, todas brancas, se reuniam próximos da lareira para se aquecer do frio do inverno tomando cerveja de gengibre, depois de brincarem na neve; e na primavera se acostavam sobre as macieiras para comer seus frutos. Desde muito nova, além de ler, também gostava de escrever, e mesmo nunca tendo visto a neve ou ingerido essa bebida, as suas histórias protagonizadas por personagens brancas o faziam, até que teve o contato com a literatura africana e isso alterou a forma de pensar literária e a sua visão de mundo, potencializando a identificação com as narrativas e as personagens africanas, o que refletiu em suas produções futuras.

Ela ainda conta que fazia parte de uma família de classe média e por costume tinham empregados domésticos, uma mulher e o seu filho, vindos de vilarejos nas regiões rurais, sua mãe contava o quanto eles eram pobres e sempre que ela ou seus irmãos não terminavam a comida, eram lembrados que pessoas como as que trabalhavam em sua casa não tinham o que comer. Até que durante um feriado eles visitaram o vilarejo e ao se deparar com os artesanatos que eram produzidos, espantaram-se, pois não acreditavam que sujeitos tão pobres poderiam criar algo tão rico, afinal, só havia escutado uma única história sobre eles.

Dessa forma, é de suma importância que compreendamos que a escravidão é um grande marco na história do povo Afro-Brasileiro, contudo não é o único e não deve representar a sua totalidade. Trata-se do processo de humanização, reconhecimento de outras culturas, valores, narrativas, e, portanto, identidades. Substituir o signo de imposição pelo da comunicação, engolir o mito de uma Democracia Racial e cuspir⁴ América Ladina⁵.

Pindorama⁶, era como os povos originários, donos da terra, chamavam essa nação. Depois de sua invasão e genocídio da população nativa, passou a ser conhecida por Brasil. Os invasores, portugueses, se deparam com uma terra fértil rica no que chamaram de pau-brasil, uma madeira da qual extraíram uma tintura rubra tal qual o sangue derramado, até a sua quase extinção. Esse pigmento era levado para seu país de origem para o tingimento e comercialização de tecidos, devido a raridade do mesmo eram cobrados valores altíssimos, o que encheu os seus cofres para as

³ CHIMAMANDA ADICHIE: o perigo de uma única histórica. TED Talks, 2009. 1 vídeo (19'16"). Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg>. Acesso em: 31 jan. 2023.

⁴ Referência a uma das qualidades do orixá Esú, Enugbarijo, a boca coletiva dos orixás, a boca do mundo, aquele que engole tudo e cospe transformado.

⁵ Conceito cunhado por Lélia Gonzalez para representar a formação cultural e identitária brasileira.

⁶ A terra das palmeiras é uma expressão de origem tupi-guarani que designava as regiões e territórios da hoje América do Sul (BISPO, 2015, p.12)

próximas expedições. Com a terra desmatada, a dividiram entre a nobreza, e com mudas que trouxeram da Ásia, iniciaram o ciclo de produção do açúcar. Encontrando o primeiro obstáculo, a falta de força de trabalho. Para tentar solucionar esse problema trouxeram os marginalizados de suas metrópoles, aqueles que sonhavam com uma vida melhor, pobres, mendigos e a população carcerária (daí ladina, de ladrões), mesmo assim a quantidade de trabalhadores não foi suficiente, então, tiveram a ideia de escravizar os indígenas, como era feito nas colônias de seus vizinhos europeus, contudo, por conhecerem o chão no qual caminhavam, se *embrenharam* na mata, fugindo de seus alçozes. Então, os heróis lusos, foram as suas feitorias na África e iniciaram um dos comércios mais prósperos da história da humanidade, o de escravos. Trocavam armas e suprimentos em troca de seres humanos, estocavam essa nova mercadoria muito bem acorrentada, em porões de condições insalubres, onde a sala de jantar, a cama e o banheiro se confundiam, junto ao suor, o sangue e as lágrimas. Depois dessa travessia de meses, aqueles que não haviam sido deixados para o mar, chegavam em terra para trabalhar pelo *progresso* da nação.

Depois de décadas moendo cana, produziram tanto açúcar que o mesmo parou de adoçar a língua do branco. O colonizador depois de tirar a cor da terra e o seu sabor, agora desejava o seu brilho, elegeu os desbravadores mais corajosos e os enviou para o interior da nação em busca de pedras e metais preciosos, um novo ciclo se iniciava, o do ouro. “Em termos históricos, sabemos que o regime escravista teve sua ação mais ampla e profunda nas regiões brasileiras onde a *plantation* e as atividades mineradoras se desenvolveram. (GONZALEZ, 2018, p. 99).”

A linha histórica começa a se curvar, e ao se dobrar começa a dar voltas e se repete. O invasor, agora acostumado com outros lhe alimentando e trabalhando por ti, torna-se preguiçoso, sonolento, sendo necessário que seus servos encontrassem algo para lhe despertar, um fruto de gosto amargo que quando torrado tem a mesma cor da mercadoria que trouxeram de África, seu nome, café. Como Gonzalez (2018, p. 99), nos conta: [...] “é a partir da cultura cafeeira que se desenvolverá o processo de acumulação primitiva necessária à estruturação do capitalismo.[...]”. E antes que esse *okoto*⁷ forme mais uma volta, o povo que não reflete a luz⁸ aproveita do sono de seus senhores e quando o sol também se deita, embrenham-se na capoeira para formar comunidades herdeiras da Memória e da Cultura de seus ancestrais, os Quilombos, e um deles, assim como sua matriarca, carrega um rei na barriga.

*Aqualtune*⁹, aquela pertencente ao corpo das ancestrais das quais os navios tumbeiros não foram capazes de tombar a sua realeza, Rainha em África e em Palmares, líder dos 11 mocambos

⁷ concha em formato espiral utilizado nas religiões de matriz africanas

⁸ Cor escura que absorve a luz, mas não a reflete; preto: o negro dos seus olhos; o negro da noite. (Definição do dicionário Aurélio *online*) 2004

⁹ O rei era filho de Aqualtune, trecho da obra “O Quilombo dos Palmares” de Edison Carneiro, publicado com o título *Guerras de los Palmares*, no ano de 1946.

que formavam a comunidade, mãe de Ganga Zumba e avó de Zumbi, esse que dentre seus muitos feitos, venceu a morte (para os povos afro diaspóricos, a mesma não representa o fim, o seu sinônimo portanto, é o esquecimento) e inspirou no ano de 1995, um ano antes da escrita da LDB, uma marcha em seu nome o que a História passou a considerar como um dos estopins para pressionar o Estado a discutir sobre o racismo, gerando os desdobramentos para a alteração da mesma em 2003.¹⁰



Figura 1: Foto da Marcha de Zumbi realizada em 1995, em Brasília. Foto: Geledés Instituto da Mulher Negra /Rede de Historiadores Negros /Acervo Cultne. Disponível em: <https://jornal.usp.br/noticias/especial-lei-10-639-legislacao-resulta-de-lutas-e-do-aprofundamento-de-debates-sobre-o-racismo/>

*Ogun, alaada meji
ofi okan sán oko
ofi okan ye ona.¹¹*

Em linhas gerais, a passagem acima em iorubá, diz: Ogun, senhor dos dois facões, com um deles, ele prepara a horta e com o outro abre o caminho. Fazendo uso dessa figura mitológica, desse orixá, cujo próprio nome significa Guerra. Uma vez que seu povo preparou a comunidade, agora se afia para abrir o caminho. (SÁLÁMÌ, 1991, p. 35)

¹⁰ PEREIRA, M.; SILVA, M. Percurso da Lei 10.639/03: Antecedentes e desdobramentos. 2016,

¹¹ Tradução de um trecho do Oriki (Evocação) de Ogun. SÁLÁMÌ, S. *Cânticos dos orixás na África*, 1991.

Tal qual a Lei 10.639/03 foi fruto da organização e luta. Entende-se que a Lei assinada em 13 de maio de 1888, de nome Áurea, também o foi, na qual apenas uma pequena parcela da população Afro-Brasileira ainda se encontrava na condição de escravizados, recebendo a sua liberdade. Uma vitória, contudo, não foi o suficiente para abrir o caminho, sendo necessário que a guerra continuasse em busca da Igualdade. Vale ressaltar que depois da assinatura da mesma, o branco tenta se livrar da *mea culpa* alimentando o mito da tão formosa Democracia Racial.

Na medida que somos todos iguais perante a lei e que o negro “é um cidadão igual aos outros”, graças a lei Aurea, nosso país é o grande exemplo da harmonia inter-racial a ser seguido por aqueles que a discriminação racial é declarada. Com isso, o grupo racial dominante justifica sua indiferença e ignorância em relação ao grupo negro. Se o negro não ascendeu socialmente e se não participa com maior afetividade nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único culpado é ele próprio. Dadas as suas características de “preguiça”, “irresponsabilidade”, “alcoolismo” e etc., ele só pode desempenhar, naturalmente, os papéis sociais mais inferiores. (GONZALEZ, 2018, p. 101).

Retornando a História, o fruto amargo desperta os senhores de seu sono, enquanto dormiam, sonhavam com uma sociedade toda branca, mas durante seu descanso parecia que os escravizados fizeram alguma magia para ganhar o favor do sol, isso, somado ao consumo excessivo de café necessário para que acordassem, tornou sua pele amarelada e para conseguir desencardir-la, convidam os vizinhos de seus ancestrais para a terra que herdaram e, através dos *João Madera* alimentavam as Marias Fumaças rumo a industrialização do país. Criavam as metrópoles como as do Velho Mundo, migraram com suas famílias para suas novas Casas Grandes a construírem espaços memoriais onde guardam a natureza como era antes de sua chegada (Jardim Botânico), as relíquias do trabalho de seus antepassados (Museus), os papéis que carregam os seus grandes feitos (Bibliotecas), altares para homenagear seu *Deus* que tornou tudo possível (Igrejas) e os locais onde podiam transmitir suas infíndas contribuições para seus descendentes (Escolas). Com a Honestidade presente em seus valores, deixam de lado tudo que não lhes pertence, de lado não, as margens.

Essa reorganização da sociedade fez com que o núcleo econômico e a fonte de sobrevivência deixasse as zonas rurais e adentrasse as cidades, e em troca da liberdade os descendentes daqueles que foram escravizados, entregaram suas moradias e a vida como conheciam para ocupar os novos centros urbanos. Suas comunidades, como tudo que não pertenciam mais aos brancos, foram deixados às margens. Depois de tanto nadar, morrer nas marginais parecia uma anedota de mau gosto por parte do destino. Sendo assim, se organizaram nos cortiços, nos morros, nas favelas e nos terreiros para preservar sua existência, sua Cultura e sua Identidade. (AZEVEDO,1997)

O coro que se dobrava para a vinda de Chimamanda, que tocou para que os orixás chegassem, que junto do berimbau deu ritmo para a vadiagem, mais uma vez se dobrava em um ritmo binário que reproduz em tons graves a batida do próprio coração¹² que dá a base para que malandros e malandras¹³ fizessem o uso de sua ginga e samba no pé para caminhar no fio da navalha. Dessa forma, usam de toda a Mandinga¹⁴ para jogar com o branco, lhe deixando confuso, o mesmo começa a enxergar uma certa humanidade nesses seres *exóticos* e diferentes, já que é dono de todos os dias do ano, por que não dar um deles para esses sujeitos, que seja um feriado já que os mesmos têm a *preguiça* e a *indisposição* em seu gene. Tendo o racismo como eixo de análise, Gonzalez (2018), nos conta que o branco não reconhece o negro enquanto seu igual, contudo definem a cultura nacional a partir dos símbolos afros, como: o carnaval, o samba, o candomblé, o frevo e o maracatu, mesmo assim, mantendo a pretensão de se pensar um país branco, e aí, ocorre o momento cristalizador de inversão e subversão da consciência quando os negros e negras deixam o local de marginalizados para assumir o de mestres-escravos, se tornando o símbolo de alegria que deixou marcas na cultura do opressor. Dessa feita, o desenvolvimento da relação da legitimidade histórica com a legalidade constituiu uma materialização escolar. (BRASIL, 2003, p.23):

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Como escrever sobre a consciência, um conceito intrinsecamente humano, para povos que dentro da lógica científica traçada pelo eugenismo estão mais próximos dos animais do que dos brancos? Existe um aforismo que nos conta que o rio que esquece da sua nascente, seca. Nessa medida, por mais que o colonizador tenha marginalizado o povo preto, deixando-lhe no lodo, é com a lama que *ajala*¹⁵ faz os *oris* e é com *eró* (calma) que eles se tornam resistentes para virem ao *aiye*. Dessa forma, nos apropriamos de *Osun*, o branco com a sua fome de dominação, engoliu o que

¹² Trecho da introdução do Álbum- ``Esú`` do artista Baco Esu do Blues.

¹³ Em contraponto ao significado entendido pelo senso comum, no qual a malandragem é um adjetivo negativo associado a pessoas que enganam e usam de artimanhas para conseguir vantagem sobre os outros. Trata-se de um signo da cultura afro-diaspórica que representa o jogo de cintura necessário para driblar as adversidades da vida, sempre com um sorriso no rosto.

¹⁴ Nome de um grupo étnico vindo de África durante a Diáspora que eram conhecidos pelos seus conhecimentos sobre as folhas e palavras, os feitiços (feito isso) conhecidos por sua exímia habilidade na produção de fetiches e amuletos, os patuás para proteção de seu povo. Desta feita, surge a expressão popular, ``quem não pode com Mandinga, carrega patuá.``

¹⁵ O orixá artesão, aquele encarregado de modelar os oris (cabeças), elas são feitas de barro e por tal motivo depois de modeladas devem ser temperadas no fogo. Ajalá é um tanto quanto ansioso e por isso retira algumas cabeças antes da hora o que na cultura popular recebe o nome de cabeça mole (miolo mole), pela sua ansiedade, ele costuma beber para se acalmar e por vezes esquece de preencher as mesmas, cabeça oca, e às vezes bebe demais e acaba dormindo e esquecendo de tirar as cabeças do fogo (cabeça dura). Logo, é necessário que o ser humano quando vai a sua oficina antes de vir para o aiye, permita que o artesão escolha a mais apropriada, assim ele selecionará as cabeças que ele fez com *eró*, mais apropriadas para o caminho daquele indivíduo.

estava na mesa antes mesmo de mastigar e assim a *Iyalodê*¹⁶ venceu a guerra sem uma espada levantar¹⁷. O consumo excessivo de vinho de palma e cerveja de milho fez com que o invasor desenvolvesse uma neurose social, isto é, apropria-se da cultura afro-diaspórica no seu inconsciente para satisfazer as vontades do ego, e utiliza de artimanhas conscientes para recalcar a realidade. De forma ébria, discorre sobre leis e consciências que ele deixou para trás ao fim do primeiro gole.

O Brasil - por razões de ordem geográfica, histórico-cultural e sobretudo da ordem do inconsciente- é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o **t** pelo **d** para, aí sim, nomear o nosso país com todas as letras: Améfrica Ladina (cuja neurose social tem no racismo o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os ``pretos`` e ``pardos`` do IBGE) são ladinosamefricanos. Para entendermos as artimanhas do racismo acima caracterizado, temos que nos reportar a categoria freudiana de denegação (*Verneinung*): é o “processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimento, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença” (Laplanche e Pontalis, 1970). (GONZALEZ, 2018. p. 335).

Ao analisar a passagem acima, compreende-se a negação das características oriundas do povo negro, recalçando assim, um dia do ano para a conscientização sobre o fenômeno do racismo, sobrando o restante dos dias para a sua reprodução, alimentando esse evento com causos para serem discutidos. Para além disso, o branco represou as águas plácidas de seu rio, para construir hidrelétricas capazes de alimentar os seus desejos, esquecendo assim, de sua fonte, sendo necessário que buscasse por novas fontes para conseguir repetir os ciclos de seus ancestrais. *Nego Bispo* nos explica que esse comportamento inconsciente é produto da maldição rogada pelo *Deus* desse povo:

Javé deus disse para o homem: "já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. 18 A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. 19 Você comerá seu pão com o suor do seu rosto até que volte para terra, pois dela foi tirado, você pó e ao pó voltará". (GÊNESIS 3:17 *apud* BISPO, 2015, p. 17)

¹⁶ Dama da alta sociedade.

¹⁷ *Itán*, história oriunda do *corpus* literário de *Ifá*, transmitido através da oralidade dos mais velhos para os mais novos, que nos conta que *Sangö*, *Oya* e *Obá* deixam o reino de *Oyó* para guerrearem e a cidade fica desprotegida, o exército inimigo aproveita dessa situação para invadir o palácio, a população e os servos começam a fugir, quando muito calmamente *Osun* ordena que um banquete seja feito e, em cada comida e em cada jarra de vinho de palma que viria a ser servido, ela coloca veneno, mandou os servos abrirem os portões do palácio, enfeitou-se com suas jóias de ouro, sentou-se em seu trono e recebeu os invasores com um sorriso no rosto, quando os mensageiros alcançam o exército do grande *Oní*, ele desesperadamente marcha para seu reino, mas quando chegou já era tarde, ao adentrar seu palácio, espanta-se, todos os inimigos estão mortos e *Osun* está reluzindo ainda mais com o brilho de sua vitória.

Assim a relação dessas pessoas com a terra é fatigante e desarmoniosa, o trabalho é um castigo divino, esse povo agora sem território acaba por reproduzir esse trauma nas suas relações com o mundo, invadindo outras terras, escravizando outros povos e os forçando a sofrer o castigo pelo *pecado* que eles cometeram. Como já falamos, faz-se por bem entendermos que as populações desenvolvem sua cosmovisão a partir da sua religiosidade e é a partir dessa cosmovisão que constroem as suas várias maneiras de viver, ver e sentir a vida (BISPO, 2015, p. 21).

E é na dança ritmada e entoada que junto de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018), nós despachamos essa marafunda. Para eles, a experiência da escolarização no Brasil teve o seu fundamento no colonialismo europeu ocidental e pelas políticas de expansão e conversão à fé cristã. Logo, se esse sistema edificou a cruz como a égide de seu projeto de dominação, deveríamos reinventar o mundo e transformar a cruz em encruzilhada, praticando-a como campo de possibilidades. Dessa forma, a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira transgridem o campo de conteúdo e adentram o método, para tal, continuamos a análise da Lei, que através do alujá¹⁸ carrega a fúria do tambor, invocando *Sangô*, orixá associado ao equilíbrio da Justiça. Um de seus símbolos é o *Oxé*, um machado de dois gumes, que foi imortalizado através do samba enredo da Salgueiro¹⁹ no ano de 2019 com o seguinte verso: “O machado desce, o terreiro treme, *Oju Obá*²⁰, quem não deve, não teme”. Portanto é necessário o equilíbrio para que o fio não encontre os nossos pescoços, trata-se de reconhecer a legitimidade e potência dos conhecimentos acumulados pelos povos subalternizados, assim como, a circulação de suas experiências para que caminhemos para uma real transformação social, que vise uma educação com equidade social e por conseguinte antirracista.

O significado e o valor cultural desse instrumento não foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares, responsável pela promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, assim como, a difusão da *lei 10.639/03* e o auxílio de sua aplicação por professores e nas escolas. Já que a Fundação, no dia 13 de Dezembro de 2021, alterou o Machado de Xangô por uma nova logo, pois segundo o Diretor do Departamento de Fomento e Promoção da Cultura Afro-Brasileira (DEP), Marcos Petrucielli, faltava incluir no novo logotipo da Palmares as cores que representam o povo

¹⁸ Ritmo tocado pelos atabaque para o orixá *Sangô*

¹⁹ Samba enredo escrito por Alex de Souza para Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro - G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, no ano de 2019, que conta sobre a história do Orixá Xangô, seus feitos, seus amores, seu sincretismo no Brasil e sua associação ao equilíbrio da justiça.

²⁰ Os olhos do Rei.

como todo, sem distinção de classe, credo ou cor.²¹ Dessa forma, a nova identidade visual representa o “multicolorido” do povo e o orgulho de ser brasileiro.



Figuras 2 e 3: A esquerda tem a nova logo da Fundação Cultural Palmares, representando o multicolorido e a direita temos a logo antiga, representando o machado de Xangô. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/fundacao-palmares-tira-machado-de-xango-e-usa-verde-e-amar-elo-em-nova-logo/>

Discurso esse provindo da *neurose* do colonizador e da tentativa de difusão do mito da Democracia Racial, onde os signos, história e luta de todo um povo são estuprados. A ideia do “multicolorido” é produto das coitadas²², o embranquecimento e a mestiçagem não foram um processo pacífico e não devem ser lembrados enquanto algo romântico, muito menos, motivo de orgulho. É a razão da existência dos preconceitos relativos às mulheres negras como sendo fáceis e as mulatas como sendo boas de cama.²³ É um instrumento ideológico que visa a manutenção do poder pela classe dominante, estratificando a sociedade e mantendo os oprimidos na condição de subalternizados. Nesse sentido, devemos romper com a tentativa de silenciamento com um *ilá*²⁴ estrondoso.

Ecoou um canto forte na senzala...

²¹

<https://www.palmares.gov.br/?p=59903#:~:text=Nesta%20segunda%2Dfeira%2C%2013%20de.a%20nacionalidade%20em%20seus%20tra%C3%A7os.>

²² Após o estupro, coito não permitido, as escravas ficavam aos cantos, “tristes”, acoitadas.

²³ Ver Gonzales (2018, p. 110).

²⁴ Espécie de brado manifestado pelos ancestrais encantados quando tomam o corpo dos sacerdotes em situação de transe.

O dia 20 de Novembro escolhido como dia da Consciência Negra, marca o assassinato do líder Palmarino, Zumbi, e de seus 20 companheiros, no ano de 1695, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho. Simbolizando a luta do Povo Negro pela libertação. Mesmo tendo sido relegado à Consciência, um único dia, Palmares não é o único símbolo da luta contra-colonial, e, assim como Canudos, Caldeirões e Pau de Colher representam a tentativa por uma real democracia proveniente da sabedoria e da cosmovisão politeísta utilizadas na elaboração dos saberes e organização de diversas formas de vida e resistência dessas comunidades, expressas na sua relação de confluência com os elementos da natureza que fortalece essas populações no embate contra a colonização. Em todas essas comunidades os colonizadores não se contentaram com o aniquilamento e a desmembração da organização, atearam fogo em tudo que poderia simbolizar e significar modos de vida diferentes dos seus. O trecho do poema abaixo expressa didaticamente, pelo uso da metáfora, o que se estabeleceu na luta contra o extermínio da produção da vida material e geracional do negro no Brasil.

Nasceu Canudos.

Fogo!...Queimaram Canudos,

Nasceu Caldeirões.

Fogo!...Queimaram Caldeirões,

Nasceu Pau de Colher.

Fogo!...Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo,

Não queimarão a ancestralidade.

Nego Bispo (2015, p.34)

Pensar na identidade plural do povo brasileiro é um convite para refletir sobre os diversos significados do signo do fogo, o mesmo que foi utilizado para queimar os quilombos e tentar apagar a história de um povo pode ser ressignificado a partir de umas das qualidades do orixá *Sango*, *Obá Iná*, que na sua tradução literal significa o rei do fogo, que tem em sua simbologia, a ligação com o culto ancestral. A ancestralidade, por sua vez, possui um dos caracteres fundantes da identidade e,

portanto, do entendimento do papel do negro na formação nacional, e mesmo com a Fundação Palmares contribuindo para esse esquecimento, lembremos mais uma vez do *Oxe*, enquanto um dos gumes traz a justiça o outro revela as incoerências dessa história, um aforismo nos conta que Sango faz fogueira com os ossos do mentiroso²⁵, aquele que não é justo. Dessa forma, seu povo e seus descendentes não conhecem a falsa imparcialidade, a comunidade toda sofre com as injustiças que um de seus membros cometeu.²⁶

[...] através de uma rede de leis, regulações e regras informais, todas reforçadas, poderosamente, pelo estigma social, eles são confinados às margens da sociedade e têm seu acesso à economia negados. Tem negados, legalmente, a possibilidade de obter emprego, habitação e direitos sociais – assim como os afro-americanos foram relegados a uma cidadania segregada e de segunda classe na era Jim Crow. (BORGES, 2019, p.33)

Nos apropriamos de Borges (2019) para refletir não somente sobre as condições abstratas dessa ideologia, como também a sua materialidade alocada no corpo negro. Retomando o processo de denegação marcado pelo recalque de certas características, formando o estereótipo do mestre escravo em tempos festivos, assim como, pela marginalização e criminalização desses indivíduos estruturando os estigmas de vadio, transgressor e, portanto, bandido no restante do ano. O acesso ao machado era negado a esse corpo até no momento de execução de um crime capital, sendo considerado uma morte honrosa, sendo relegado a corda para esses pescocós.

A antiga figura de propriedade é substituída pela do criminoso, a indústria cultural reforça esse padrão, fazendo com o povo negro tenha medo de si mesmo. Essa hierarquização de raças acaba por gerar uma seletividade penal e uma cidadania secundária. Os cultos religiosos em conjunto com outras manifestações negras são criminalizadas sobre a argumentação de perturbação da ordem, relatos ancestrais nos contam que os escravizados utilizavam a maconha pela sua qualidade anestésica depois que apanhavam dos feitores, hoje são considerados traficantes, a ideologia produz uma justiça incoerente, parcial, logo, a sua representação pode ser até ser cega, enxergando tudo negro. É de suma importância a compreensão que a análise de múltiplas narrativas,

²⁵ Aforismo socializado pelo professor doutor e babalorixá, Sidnei Barreto em uma postagem no Instagram em 4 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnAyFSpPCcs/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

²⁶ Um itan, nos conta que Osalá decidiu fazer uma visita a seu filho, Sango, e como era de costume antes de iniciar essa jornada, consultou uma babalawo, e foi aconselhado que ele não realizasse essa viagem, mas ele estava decidido a fazê-la, então ifá lhe avisou que seria um trajeto difícil e recomendou que o mesmo deveria levar três mudas de roupa branca, sabão da costa, e que ajudasse quem lhe pedisse durante o caminho, sem reclamar. A viagem se inicia e durante o caminho ele encontra Esu que pede sua ajuda para levantar um barril de dendê, propositalmente ele derrama um pouco sobre Osala fazendo com que ele vá até o rio para se banhar. A caminhada continua e a história se repete mais duas vezes, a segunda com carvão e a terceira com mel. No meio do caminho, ele encontra um cavalo branco que deu de presente para seu filho e que havia fugido, então ele recupera o animal para devolvê-lo, mais adiante ele encontra guerreiros que serviam Sango e os mesmos julgam que ele havia roubado o cavalo e lhe aprisionam sem informar o rei. Sete anos se passaram e o reino tornou-se impróspero e infértil, então Sango consulta o babalawo, e ifá afirma que havia uma injustiça em seu reinado e após procurá-la, ele encontra seu pai na prisão, ele então coloca seu pai nas costas pois o mesmo estava debilitado, lhe lava, troca suas roupas e pune aqueles que foram injustos.

afasta o perigo de uma história única e objetiva o entendimento da sua materialidade na inserção da mesma, evitando as possíveis relativizações que visam a inserção de dúvidas e argumentações parciais que buscam a manutenção da estratificação social.

Trata-se de reconhecer o povo Afro-brasileiro não tão somente como objeto do qual a lei discorre, como também, protagonista e sujeito crítico de suas próprias narrativas e trânsitos dentro da sociedade. A figura representada através da legislação deve refletir a pluralidade e densidade histórica, por vezes omitidas e/ou segregadas do conjunto concreto. Dessa forma, deve-se analisar quais os significados e representações imagéticas formam o que é ser negro em tempos atuais.

Para entender os dias de hoje é necessário que façamos o movimento de retorno para o passado, Esú matou o pássaro ontem com a pedra que ele só atirou hoje, esse aforismo nos conta sobre a capacidade de realização, a potência circunscrita na ressignificação daqueles que seguem vivos em nossas narrativas. Trata-se de compreender que havia uma história anterior a escravidão e que, por conseguinte deve haver uma história posterior a mesma. Os signos são mantidos, alteram-se os significados. *Ifá* nos conta que Esú foi escolhido para vir primeiro ao *aiye*, aprender sobre todos os males que afligiam a humanidade e as suas soluções, tornando-se *Yangi*, aquele que conhece a natureza do homem e serve como o interlocutor das mensagens oraculares, e durante o processo de colonização, assim como tudo que é negro, foi demonizado, marginalizado e relegado o local de inferior.

O parágrafo um, do artigo 26, da *lei 10.639/03*, torna obrigatório o ensino da história e cultura africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, faz-se necessário que pontuamos de que África estamos falando, daquela difundida pela indústria cultural, assolada por epidemias, pobreza e fome, ou, daquela que se assemelha a eldorado, existente somente nos mitos, como supostamente era antes da colonização, onde ninguém enfrentava problemas, quase como um éden antes da maçã. *Igbá Ketá!*²⁷ Discorremos sobre uma África existente nas memórias de seu povo, preservada pela oralidade e transmitida dos mais velhos para os mais novos. O processo de apagamento histórico gera questionamentos sobre as histórias escritas que foram preservadas, sobre quem as escreveu e quais eram seus motivos. A transmissão oral por sua vez, respeita o tempo, nenhuma história é narrada duas vezes da mesma maneira e cada sujeito acrescenta a sua subjetividade na mesma, gerando assim um *corpus* literário que mantém vivo todos aqueles que já ouviram e que já contaram suas narrativas. Caminhando na contramão da lógica

²⁷ Um itan nos conta que uma certa vez Olodumaré, convidou Esú para sua morada e lhe apresentou duas cabaças, uma contendo Igbí, um pó que quando espalhado representa a confusão, o conflito, um aprendizado através da dor e outra contendo Iré, um pó que quando espalhado representa a harmonia, a paz, o aprendizado através da alegria, e lhe pergunta qual das duas ele deseja para espalhar pelo mundo. Ele enxerga do outro lado da sala, uma cabaça vazia, e responde Igbá Ketá, a terceira cabaça, então ele mistura os conteúdos das duas primeiras, rompe a cabaça e sopra esse pó pelo Aiyê. Representando a contradição, substituindo o ``ou`` pelo ``e``, usando de uma terceira opção que somente ele conseguiu observar. Mostrando a subjetividade presente na vida e seu campo diverso de possibilidades.

neutra e impessoal defendida pelos colonizadores e seus descendentes, não se trata da substituição de um modelo por outro, pois dessa forma o signo de imposição seria mantido, trata-se da capacidade de confluência, isto é, a potência gerada na troca desse signo pelo de comunicação. O uso da oralidade está assente na ancestralidade, isto é, no próprio sistema organizacional afro-diaspórico, contudo, vale ressaltar que o negro possui escrita, como os próprios grafismos de *Ifá* e os símbolos *Adinkras*.²⁸



Figura 4: O ideograma adinkra, Sankofa recuperado na contemporaneidade, representa o pássaro mítico, grande ancestral que valoriza a sua história, seu nascimento e passado e por meio do retorno ao mesmo que o avanço é possibilitado. Disponível em:

<https://www.guiadetatuagem.com.br/significado-sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>

É na materialidade que o mercado-mundo se estabelece, possibilitando que as diversas imagens do que é ser negro sejam construídas. Portanto, a dialética se dilata e algo não é apenas bom ou mau, podendo ser bem e mal, em termos mais concretos, trata-se da capacidade do povo negro de se reconhecer em diversos momentos e locais, não estando atado a otá (pedra), mas sim caminhando junto a ela.

²⁸ ``Uma dessas tradições é o adinkra, conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios. O adinkra, dos povos acã da África ocidental (notadamente os asante de Gana), é um entre vários sistemas de escrita africanos, fato que contraria a noção de que o conhecimento africano se resume apenas à oralidade. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>

CAPÍTULO 2

Yawo

``A kù láyò láí mú ti Esù kùrò''²⁹

Trecho do Oriki de Esù

(SÁLÁMÌ, 1991, p.25)

A presente escrita deste capítulo visa a análise das encruzilhadas existentes entre as epistemologias dominantes e as subalternizadas, e através do diálogo produzido por esse cruzo, problematizar as concepções de educação e quais os caminhos necessários para que a mesma assuma um caráter contra colonial e por conseguinte antirracista. Para isso iremos nos apropriar mais uma vez de *Esú*, signo que representa a contradição e a transgressão que gera uma comunicação capaz de contemplar o pluriverso formado em terras pindorâmicas. Sendo assim, discutiremos sobre o corpo-terreiro, enquanto os colonizadores tentaram reproduzir uma pequena Europa nas terras que chamaram de Brasil, os povos subalternizados preservaram suas formas de ser e viver no mundo, seus saberes e suas ciências nos quilombos e nos terreiros, sejam eles: de capoeira, jongo, samba, candomblé³⁰, umbanda e tantos outros, e, a partir de sua cosmogonia que considera a indissociabilidade do ser e de sua comunidade fecharam os corpos de seu povo, para que o mesmo pudesse sobreviver as violências de um sistema racista que sobrevive através do epistemicídio de outras culturas.

Nos apropriamos mais uma vez desse signo de comunicação, presente na obra de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, 2018, sendo *Exú*, aquele que transcende a dualidade positivista, uma narrativa nos conta que o mesmo possui uma espécie de chapéu bicolor, de um lado é preto e do outro vermelho e ao caminhar pela rua gera conflito até entre os mais sábios, isto é, depois que essa figura atrativa passa, os vizinhos iniciam uma conversa e começam a dialogar sobre as vestimentas do mesmo, ao descrevê-la concordam em tudo, exceto pela cor da carapuça. Essa diferença de pontos de vista, gera um caos nessa relação fazendo com que acusações comecem, e que cada um defenda a sua verdade enquanto absoluta, ou que os vizinhos considerem a legitimidade um do

²⁹ “Aquele que tem felicidade reserva uma parte a *Exú*”.

³⁰ Mais do que uma religião brasileira, trata-se de um conjunto cultural e sistema organizacional preservado durante a Diáspora.

outro e transgridem essa linha de pensamento, possibilitando a exceção que o chapéu pode ter as duas cores. Sinteticamente, esse aforismo representa a base dessa epistemologia na qual substituímos o “ou” pelo “e”, e portanto a imposição pelo diálogo, e através do mesmo que se estabelecem os cruzos que geram um saber cismado, aquele que é amigo da dúvida, que tensiona as razões totalitárias a partir da imprevisibilidade.

“Na área da filosofia existe uma subárea que se ocupa das condições objetivas, subjetivas, intersubjetivas no processo de produção e validação do conhecimento”. (NOGUERA, 2012, p.7). Nessa citação podemos indagar sobre o que é conceituado por epistemologia, sendo necessário que assentemos essa ideia, ou seja, darmos um chão para que a mesma possa ser contextualizada e, portanto produzida e caso comprovada seja validada. Logo, a plantaremos em terras brasileiras onde a colonização como regime ideológico³¹ constrói um sistema de estratificação do pensamento, isto é, a cosmovisão vinda de Europa e disseminada pela Igreja acabam por regular a validade do que é produzido, mantendo a ordem hegemônica em função da subalternização de tudo que não foi gerado pelos seus.

Deve-se notar que o conceito de universalidade era corrente quando a ciência entendia o cosmos como um todo dotado de um centro. Entretanto, a ciência subsequente destacou que o universo não possui um centro. Isto implicou na mudança do paradigma, culminando na concepção do cosmos como um pluriverso. Parece que a resistência do “universo” mostra uma falha que aponta para o reconhecimento da necessidade de um deslocamento do paradigma. Neste ensaio optamos por adotar esta mudança de paradigma e falar de pluriverso, ao invés de universo (RAMOSE, 2011, p.10 *apud* NOGUERA, 2014, p.33).

Dessa forma, o conceito de pluriversal abarca também o de universal, negando mais uma vez a dicotomia necessária para o mono racionalismo, considerando não só outras formas de racionalidade, assim como outras possibilidades de trocas no mercado-mundo. Tendo em mente uma cosmogonia que não só contempla essa cosmovisão, como também se relaciona com outras formas de sentir e ocupar o mundo. Trata-se, mais uma vez, da capacidade de retorno histórico e compreensão de que o racismo estruturado pelo colonialismo tem como base o epistemicídio de conhecimentos ancestrais relegando assim o local de não-lugar para tudo que não foi produzido dentro da lógica cultural dominante. Por conseguinte, “o poder do nó atado religião, conhecimento e colonialismo” (SIMAS; RUFINO, 2019, p.79) discorre sobre subjetividades produzidas dentro de

³¹ “A noção de ideologia pode ser compreendida como um corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir. Com o objetivo de impor os interesses particulares da classe dominante, esse corpus produz uma universalidade imaginária.”(CHAUI, 2016, p. 245)

uma lógica e moral purista que acabam por formar indivíduos que reproduzam essa estratificação social e heranças coloniais na discussão de validade de saberes.

A pureza geradora da posição neutra e imparcial desse discurso deve ser cruzada por outros caminhos, a produção de conhecimento vinda de pesquisadores que também fazem parte do objeto de análise, questiona e ressignifica a validação do que foi acumulado. Dessa forma, valorizamos o mestre-escravo fora das épocas de carnaval, trata-se de compreender que os trânsitos iniciados no Atlântico possibilitaram um fluxo de diversas ciências, linguagens e culturas que sobreviveram a escravidão e as violências decorrentes desse processo através de sua resistência e transmissão dentro de sua comunidade, passando dos mais velhos para os mais novos. Portanto, o conhecimento vindo de África encontrou as suas raízes no Brasil, no chão dos terreiros, no ritmo sincopado das escolas de samba, na ginga dos capoeiras e na sabedoria dos *griots*.³²

A oralidade e oratória são características identitárias de todas as manifestações acima expostas, enquanto o grupo dominante defende que os conhecimentos escritos são aqueles que possuem valor, os subalternizados constroem suas narrativas a partir da palavra falada, pois mesmo que queimem os quilombos, a escrita e os contadores, o saber para a vida e produto da mesma, ainda será preservado. E é nessa América Africana, ladina por natureza que a encruzilhada deve ser manifestada, a construção de uma epistemologia que consiga contemplar o pluriverso formado por europeus, indígenas, africanos e seus descendentes através da confluência de signos e comunicações de significados. Para que isso ocorra é necessário a transgressão do mito de democracia racial, da neurose social e da lembrança de tempos imemoriais.

O cruzo entre as perspectivas apresentadas no pensamento do Mestre e a presente nos domínios de Exu reivindica a importância do corpo nas questões acerca das produções de conhecimentos e linguagens. Dessa forma, evidenciando os saberes corporais, suas potencialidades e discursos, as problematizações relativas às noções de terreiros têm seu campo de tratamento ampliado. Assim, o elemento corpo, compreendido em sua integralidade e a partir dos saberes assentados nas práticas culturais negras, passa a ser indispensável no tratamento da noção de terreiro. A noção de terreiro passa a ser problematizada a partir do viés das linguagens. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 52)

Para que possamos progredir na discussão devemos contextualizar o *Ará*³³, o corpo, que historicamente é marginalizado, animalizado e docilizado para servir ao sistema dominante, e que ao passar pela encruzilhada encontra *Esú* que lhe apresenta outras opções de caminhos a serem

³² Autoridades civilizatórias do antigo Mali, que carregavam as histórias de seu povo em suas memórias e as transmitiam através da oralidade. No Brasil essa tradição se mantém viva em através da pedagogia Griô, no quilombo de Remanso, em Lençóis- BA, onde o corpo de habitantes ressignifica as intervenções educacionais a partir de suas vivências próprias e suas formas de trocar com o mundo.

³³ Significa corpo, palavra vinda do iorubá e preservada pelos povos de terreiro da nação de Ketu.

seguidos, outras histórias que *Orí* pode lhe contar sobre corpos que estão deitados mas não estão mortos, sobre corpos manchados de vermelho, mas que não é sangue, sobre corpos que estão correndo, mas não fugindo. Mais do que narrar outras histórias, é sobre fundamentá-las com versos polissêmicos, “[...] o corpo também é um tempo/espaço onde o saber é praticado [...] reinventa a vida e o mundo [...]” (SIMAS; RUFINO, 2018, p.53) Portanto, o corpo é uma extensão do terreiro, ou seja, carrega em sua pele a cor da terra do chão batido, a cultura e os estigmas enunciados pela sociedade. Os olhos, entendidos pelos povos europeus como o espelho da alma, passam a ser refletidos pelo *Abebe* de *Osún*³⁴, tornando *Ojú Odara*³⁵, o olhar atento, capaz de enxergar o belo na diversidade e potencialidade no que se encontra em inércia. Por conseguinte, se apropriar dessa epistemologia é propiciar a incorporação, de valores, conhecimentos e cultura dos povos que foram historicamente marginalizados.

A colonização, afinal, operou em duas frentes, magoou o corpo físico e, ao mesmo tempo, incutiu aos corpos que não morreram o desvio existencial. Se negros e ameríndios foram produzidos como não humanos, criaram-se formas, lógicas próprias do raciocínio colonial, para os introduzirem na mecânica do projeto de dominação do Ocidente europeu. (SIMAS, RUFINO, 2018, p.101)

Dessa forma, o primeiro desafio para começar a se pensar a construção dessa epistemologia, é a descolonização da racionalidade, do pensamento e portanto, do corpo. Mais uma vez, a encruzilhada enquanto campo de possibilidades, se manifesta. Em conjunto com a problematização sobre a produção de conhecimento, quem o faz e os porquês, vem a discussão sobre a educação, quem transmite, como o faz e por quê? Para que isso possa ocorrer, devemos conceituar o que é compreendido por educação. Para Saviani, 2015, ela se define, como:

Em conclusão: a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não-material cujo produto não se separa do ato de produção nos permite situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens. (SAVIANI, 2015, p. 293)

³⁴ Abebe de Osún, o espelho de Oxum, que tem o poder de refletir a vida do mesmo, ao encarar o espelho ela pode enxergar o que está atrás, analogicamente o passado, possibilitando a constante reinvenção do mesmo.

³⁵ Ojú significa olhos, Odara é um adjetivo, diz respeito aquilo que é belo, atrativo, poderoso.

Dessa forma, a educação é um fenômeno intrinsecamente humano, marcado pelo trabalho, sendo ele, a capacidade de alteração da natureza para a produção da materialidade necessária para a ocorrência da vida, marcado pela intencionalidade, trata-se da geração de uma segunda natureza necessária para a formação da humanidade, isto é, o processo de ensino-aprendizagem que possibilita a apropriação do que foi acumulado por aquele grupo em um determinado tempo e espaço, ou seja, a internalização de conhecimentos e cultura que propiciarão a socialização desses indivíduos em sua sociedade. Logo, faz-se necessário, uma educação em seu caráter crítico, mais que uma mera acumulação de capital de conhecimento e valores, é preciso um real projeto de transformação social e assim como a encruzilhada não oferece um só caminho, a prática educacional deve estar em confluência com outras esferas da sociedade, pois em si mesma somente, não encontra as forças necessárias para movimentar um sistema historicamente engessado.

Para se trilhar um caminho na contramão da colonialidade é necessário a transgressão, fazer o erro virar acerto, isto é, a capacidade de se apropriar das estruturas historicamente acumuladas atribuindo-lhes um novo significado. Pensar nesse cruzo é considerar outros locais onde se produzem conhecimentos e outros espaços onde os mesmos são transmitidos. Mais do que deslocar essas produções para dentro das escolas, é a capacidade de movimentar a escola para dentro desses outros espaços. Por conseguinte, não é sobre alocar o conhecimento nesses corpos distintos e esses por sua vez na escola, trata-se do reconhecimento da potência intrínseca aos mesmos e proporcionar com que os saberes e esse chão sejam ressignificados por essa existência.

Nas palavras da Mestra, Juliana Jardel, em uma mesa de debate, de título: *Danças negras e as encruzilhadas dos processos formativos nas artes do corpo*, realizado às 9h00 no dia 09/11 de 2022, uma quarta-feira, na FEFD-UFG, organizada pelo Curso de Dança, “Devagar, também é tempo”, desde a Diáspora Negra, esses corpos nunca pararam de correr, quando não estão fugindo de algo ou de alguém, estão em busca de uma melhora de vida. É importante não pararmos em encruzilhadas, façamos nossas trocas e sigamos, se necessário, retornemos e troquemos mais uma vez.

Essa sabedoria ancestral faz com que problematizamos a encruzilhada e suas inúmeras possibilidades, mas mesmo com esse encantamento presente na mesma, seguimos um caminho e com *erò*, planejamos os próximos passos. Esse *ebò*³⁶ de palavras visa a construção de um corpo-terreiro que só pode existir junto a sua comunidade, devido ao racismo estrutural esses corpos são negados compulsoriamente a sua identidade, são enfraquecidos, violentados e por fim embranquecidos. A representatividade e a narração de histórias plurais, contribuem para a

³⁶ Ebó é uma espécie de ritual realizado pelos povos de terreiro que visa um objetivo de transformação, isto é, um tipo de limpeza na qual o assistido deixa para trás experiências, sentimentos e comportamentos que lhe atrapalham em seu caminho.

recuperação de sua ancestralidade. O reconhecimento de que o dia da consciência negra, não é só um dia, vem atrelado à consciência que deve ser produzida durante o ano todo, a década toda, uma vida inteira.

*Negro canta,
Negro dança,
É na batida do tambor...*

A passagem acima foi tirada de uma cantiga dedicada aos pretos-velhos, encantados, aqueles que através de sua comunidade seguem vivos, isto é, através das mandingas de seu povo driblam a morte, a mesma para os povos de terreiro representa apenas uma passagem para o mundo não-visível, seu sinônimo seria o esquecimento. Os mesmos que trazem em seu arquétipo, a sabedoria proveniente da idade, além de toda a magia necessária para chegarem em idades avançadas sofrendo diuturnamente com a escravidão, são a representação viva e incorporada de ancestrais transgressores que não foram parados pela colonização e seguem vivos na memória e na resistência de seus descendentes. Narram sobre outras formas de ser e ocupar o mundo, um corpo que canta, um corpo que dança, é um corpo que recusa entregar a sua parcela de felicidade para a tristeza, dor e rancor, é um corpo que conquistou a liberdade e ainda luta pela igualdade. Enquanto *Esú*, representa a epistemologia, esses encantados representam o sistema educacional defendido, devido à idade avançada se locomovem como *Igbin*³⁷, lentamente, deixando na terra o rastro por onde passaram, pegadas para que os mais novos possam seguir.

Não obstante, problematiza-se o significado de tradicional e rompe-se os estereótipos com o que é negro e o que não é, a confluência necessária para a formação do pluriverso, transcende as caixinhas inertes dos fatores sociais. Logo, em terras de diásporas o que é negro, deixa de ser simples e puramente o que foi trazido pelo Atlântico, o que é negro torna-se também o que foi ressignificado, tudo que uma pessoa negra toca, torna-se negro. O mesmo caminho gerado para segregação, produção e validação de um local subalternizado de não-lugar, pode ser ressignificado como campo de resistência, isto é, o adjetivo que visa a inferiorização, torna-se substantivo de empoderamento, um balé de negro, torna-se o balé negro de Ismael Ivo, um teatro de negro, torna-se o teatro negro de Abdias de Nascimento, um português de negros, torna-se, o pretuguês, de Lélia Gonzalez, e assim se seguem as voltas desse *okoto*, e o tambor que dá o ritmo da

³⁷ Caramujo branco, animal associado ao culto de Osalá, devido a lentidão com que caminha e a certeza de que mesmo devagar sempre alcançará o seu destino.

movimentação, também é incorporado pelo corpo, tornando-se, *okan*³⁸, o próprio coração que pulsa, fazendo com que o *Asè*³⁹, a força vital circule por todo ele.

Fazendo desse giro epistemológico uma das ferramentas necessárias para a formação de professores e alunos, capazes de realizar as boas trocas nesse mercado-mundo, na cosmogonia trazida de África e preservada pelos povos de terreiro, o *Aiye* seria um grande mercado, uma grande feira, onde os seres humanos, trocam entre si, mercadorias, experiências e linguagens que possibilitam a produção da vida em comunidade. Sendo assim, as trocas devem ser justas, não se visa um enriquecimento a custas da miséria do outro, mas sim a prosperidade proveniente do coletivo, ou seja, um povo forte e unido, é capaz de superar a doença, a fome e a guerra, sem essas boas trocas os laços são enfraquecidos e a comunidade desfeita, para grupos que pensam seu modo de existência a partir da coletividade, perder esses cruzos representa a morte da identidade, cultura e da própria vida.

Um aforismo nos conta que se você vai a algum lugar, recebe algo e não dá nada em troca, você não recebeu, você roubou. Dessa forma, a imposição de uma cosmogonia por outra desrespeita esse sistema de câmbio, assim como a ausência de diálogo o faz, o ato de ensinar possibilita que quem o faz aprenda novamente não tão somente o que foi ensinado como também o que foi refletido por aquele ou aquela que aprendeu, logo, esse sistema de educação entende o local de docente e discente como um cargo entregue pelo tempo, contudo, não desvaloriza o processo ontológico do mais novo. Suas vivências, saberes e narrativas ressignificam a todo tempo o que eles estão a aprender e também tem a potência de alterar o próprio conhecimento. Não se trata de uma relativização do que é ciência, já que a mesma atravessa um processo metodológico para sua validação, trata-se da capacidade de escuta que possibilitará um processo crítico e, por conseguinte, mais humano. Tal qual os povos subalternizados sofrem com a ausência de identidade e a desvalorização de seus saberes, os estudantes que estão em fase de socialização também o fazem, fazendo-se necessário que o silenciamento seja interrompido para que os mesmos possam se sentir representados, contemplados e por que não, ouvidos. Esse ato acaba por contribuir para a formação de um mais novo que consegue associar o seu corpo, ao seu terreiro, e, o seu conhecimento ao sistema de linguagem, sendo assim, a escola transcende o seu caráter de único local de aprendizagem, possibilitando que esse jovem ser, aprenda a todo tempo e a todo espaço, na contramão do pensamento niilista a ignorância deixa de ser uma dádiva e o conhecimento se torna poder. Essa ferramenta deixa de servir mera e exclusivamente para sua socialização em uma prática social que não lhe representa e torna-se um caminho de aprendizagem social.

³⁸ Palavra vinda do iorubá preservada pela nação de candomblé Ketu, significa coração.

³⁹ Nos tempos atuais pode ser compreendido como energia, aquele que carrega o movimento necessário para a geração de vida.

Partindo da obra de Teresa Cristina Rego (2005) que visa apresentar as principais ideias da teoria de Vygotsky, as funções psicológicas superiores, como: a memória voluntária, capacidade de planejamento, imaginação, abstração dentre outras, são o que nos diferem dos animais, o mesmo defende que estes processos não são inatos, isto é, puramente biológicos, são produtos do trabalho, da alteração da natureza e a criação de instrumentos necessários para a manutenção e produção da vida. Logo, a interação dialética do ser humano com o meio sociocultural tem a linguagem como mediadora e é através da mesma que ocorre a transmissão para as próximas gerações, contudo ela não é imutável, tampouco universal, seu processo não é passivo, o desenvolvimento é realizado por determinações dialéticas da história. Para a produção da mesma, é necessário a criação de meios, ferramentas exclusivas à humanidade que possibilitem a organização de uma ação comum, o estabelecimento de relações.

A linguagem é caracterizada como um sistema simbólico capaz de representar a realidade através de instrumentos que regulam as ações sobre um objeto e os signos que regulam as ações sobre o psiquismo, sendo instrumentos auxiliares do mesmo, tais como: o ato de desenhar, relatar, comparar e escolher. Segundo Rego (1995), possui três funções; a primeira, serve para designar objetos, suas qualidades, suas ações e relações, promovendo assim, a lida com objetos do mundo exterior, ausentes ou não; a segunda discorre sobre as possibilidades de abstração e generalização.

A terceira está associada à função de comunicação entre os homens que garante, como consequência, a preservação, transmissão e assimilação de informações e experiências acumuladas pela humanidade ao longo da história. A linguagem é um sistema de signos que possibilita o intercâmbio social entre indivíduos que compartilhem desse sistema de representação da realidade (REGO, 1995, p.53 e 54)

Dessa forma, uma episteme que se assenta em *Esú*, aquele que fala todas as línguas, deve ser capaz de compreender e dialogar com diversas representações da realidade. Em ambas podemos encontrar a educação em seu caráter de *okoto*, isto é, espiralado. A mesma está estabelecida na relação dialética entre o Nível de Desenvolvimento Real (NDR), que representa os conhecimentos que aquele indivíduo já apropriou, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), representando o que o mesmo pode apropriar através da mediação com o meio e outros sujeitos e o Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP), o que o mesmo irá apropriar-se depois das boas trocas, isto é, os câmbios necessários para a produção da materialidade, onde o acúmulo não é objetivo, mas sim uma consequência, em um sistema organizacional pautado na coletividade, trata-se das relações frutíferas que beneficiaram todo o conjunto. Sendo assim, a relação com a comunidade possibilita a produção de um *habitus* necessário para a vida. Em uma terra marcada pela presença de três

grandes grupos culturais distintos, a universalização da linguagem mata a palavra antes que ela saia da boca, impossibilitando o diálogo, logo, para a produção de uma comunidade, torna-se essencial o aquilombamento de perspectivas para a produção de igualdade.

Não se trata assim da defesa de uma utopia, assente no esquecimento do sofrimento, da violência e da história. Trata-se do reconhecimento da necessidade da produção de uma antítese capaz de extremar com as estruturas vigentes, e a produção de uma síntese verdadeiramente democrática que contemple a existência da maior parte da população. Para tanto, é necessário a difusão de uma epistemologia que produza a validação dos conhecimentos marginalizados e a vista disso, dos corpos que incorporam os mesmos, contribuindo para o reconhecimento de humanidade na cultura gerada por esses trânsitos.

Para a produção desse movimento é necessário sacrifício, partindo da cultura de terreiro existe o ato de imolação, isto é, o sacrifício de energias vivas da natureza para a transformação do *Asè*, o que contribui para a demonização dessas religiões a partir da cosmovisão cristã eurocêntrica, mesmo que os integrantes dessa cultura se alimentam da natureza e dos animais, inebriados pelo racismo religioso, denegam essa realidade para a reprodução de opressões e manutenção de privilégios. Contudo, para os povos assentes em uma epistemologia contra colonial, existe a compreensão de que tudo é vivo, seja em forma vegetal ou animal, e o processo de transformação e consumo é necessário para a existência da vida. Afinal, se um ser vivo não se alimenta, inevitavelmente irá perecer. Como Nego Bispo (2015) já nos contou, a religião tem papel essencial na formação da cultura de um grupo, e ironicamente a relação com a natureza de quem criminaliza o sacrifício religioso, é doentia, destroem as matas para plantar a soja que será utilizada para a produção de ração e quando o solo se torna quase infértil o usam para que seus rebanhos pastam. Enquanto a relação dos povos originários e afro-diaspóricos com a mesma, é de respeito; o povo de Ketu possui um aforismo que representa essa relação: *Ko si ewè, ko si orisa*, que se traduz, como “sem folha, não existe orixá”, ou seja, sem a preservação da natureza não existe vida. A sobrevivência do modo de ser e ocupar o mundo dos povos marginalizados está intrinsecamente relacionada com a preservação da natureza. Entretanto, quem sofre com as consequências desse ecoterrorismo são as camadas subalternizadas desse sistema social, tendo como exemplo o desastre da cidade de Mariana⁴⁰, onde a comunidade local perdeu seus entes queridos, suas casas e seus modos de vida; mais um grupo que foi desterritorializado às custas de um sistema neocolonial, enquanto os donos da empresa mineradora culpados pelo desastre seguem impunes.

⁴⁰ Desastre ocorrido no dia 5 de novembro de 2015, gerado pelo rompimento da barragem do Fundão criada para guardar os rejeitos da mineração de ferro da mineradora Samarco, que gerou 19 mortos, além de destruição do meio ambiental e contaminação do rio e do solo da região.

A quantidade de histórias que poderiam ser socializadas sobre quem sofre com a resposta da natureza e quem é o culpado beira a infinidade. Somado a isso aqueles que buscam por possibilidades para a preservação desses ecossistemas, o fazem muito longe, aguardando por soluções vindas de outras nações e por pensadores que não conhecem a realidade brasileira, sendo que a sabedoria ancestral acumulada pelos povos nativos e diaspóricos é potente o suficiente para contribuir para escolha de novos caminhos nessa encruzilhada. Por conseguinte, é necessário que os povos eurocêntricos e seus descendentes arriem um sacrifício aos pés de um *Iroko*⁴¹, para que o tempo possa contribuir para a cura dessa neurose social fruto do racismo.



Figura 5: A foto da árvore de Iroko cultuado no Brasil na Gameleira Branca tirada no Quilombo de Palmares, na Serra da Barriga- PE, todo ano durante o mês da Consciência Negra, se realiza o festival das Geledés e os terreiros próximos do Quilombo vão prestar suas homenagens e oferendas ao senhor do Tempo. Acervo pessoal.

Um *itan*, uma espécie de epígrafe, presente no *corpus* literário de *Ifá*, nos conta sobre a história de *Ôsòòsi*. Existia um reino em África que estava sendo assolado por um pássaro gigante que trazia infertilidade e doenças para o reino, e o rei convidou muitos caçadores para tentar matar a grande ave e em troca havia prometido muitos búzios, essa concha servia como moeda naquela época. Muitos *odès*⁴² haviam tentado e todos haviam falhado, como punição de seu fracasso o rei ordenou a prisão deles. *Ôsòòsi*, ao descobrir isso decidiu que iria pôr um fim a essa ave, contudo o mesmo só possuía uma flecha, sua mãe tentou de todas as formas convencê-lo de não ir, mas ele estava determinado e iniciou a sua jornada até aquele reino, sua mãe sabendo que ele só tinha uma flecha se desesperou e foi até *Ifá*, o grande oráculo, e o mesmo lhe aconselhou a realizar uma oferenda no pé de um *Iroko*, e ela assim o fez, seu filho ao se deparar com a grande ave, atirou a sua única flecha que acertou o coração da grande ave, livrando a cidade. O povo então iniciou uma

⁴¹ Iroko é uma árvore assente em África utilizada para o culto do orisa de mesmo nome, no Brasil o seu culto é realizado na gameleira branca, o mesmo possui grande significado para os povos de terreiro por representar o próprio tempo, sendo ele cronológico ou climático.

⁴² Odès significa caçadores.

grande festa e o rei convocou o grande *odè* para lhe entregar a sua recompensa, muitos búzios, ele então diz preferir outra coisa, a liberdade de seus irmãos caçadores, o *Obà* aceitou seu pedido e libertou os caçadores que estavam presos. Essa história não nos conta somente sobre a valorização de sua comunidade, já que o mesmo não encontrou serventia para tanta riqueza, sem a sua comunidade para dividi-la, como também, o amor de *Òsóòsi* por seus irmãos e o amor de sua mãe pelo mesmo. Assim como em sociedades européias, as africanas também possuem uma divisão em função de gêneros, entretanto diferente da mesma não existe uma hierarquia. Existe a reverência ao tempo, logo, o mais velho ou a mais velha é quem conduz aquele grupo. Dessa forma, em terras diaspóricas, os quilombos e os terreiros mantiveram essa estrutura, preservando em grande parte regimes matriarcais.

Enquanto a misoginia relega as mulheres um local inferior aos homens e a intersecção com o fenômeno do racismo relega as mulheres negras um local ainda mais inferior, os saberes ancestrais apontam uma outra possibilidade de vida para esses corpos, fazendo com que eles sejam grandes demais para caber nas caixinhas resolutas de sexualização e máquina de reprodução. Frantz Fanon (2008), nos conta sobre o racismo e a produção de desejos a partir da psicanálise, o autor aponta que homens sejam eles brancos ou não simbolizam seu *Anima*, suas características contra-sexuais em mulheres brancas, isto é, projetam seus desejos e sentimentos amorosos na mesma, relegando as mulheres negras a fetichização, a realização de seus desejos mais próximos do instinto, contribuindo não só para a produção de uma figura sexualizada e vulgarizada, como também produzindo um local de solidão e inexistência de sentimentos mais íntimos.

Esse processo psicológico estimula ainda mais a cultura de aborto masculino. Fanon (2008) ainda nos conta que o fenômeno de animalização gerado pelo eugenismo e heranças coloniais a influenciarem a produção do esteriótipo do negro violento, suas consequências ainda são refletidas e reproduzidas no dia de hoje, *Orí* pode nos lembrar do caso cujo a polícia militar do estado do Rio de Janeiro, assassinou um homem negro por confundir um guarda-chuva com um fuzil, e um canguru, um suporte de carregar crianças, com um colete a prova de balas. Esse conjunto de processos históricos geram filhos e filhas que nunca conheceram seus pais e mães que são responsáveis pela criação, educação e sustentação de todo um núcleo familiar. Não se trata da romantização da força necessária para que as mesmas possam produzir a sua sobrevivência e a de sua comunidade. Trata-se da reflexão histórica que faz com que essas *iyàs*, tornem-se, *iyalódes*⁴³, as damas da alta sociedade, tudo que existe no mundo, foi feito por uma mulher, seja por ela mesma ou por seus filhos.

⁴³ *Iyàs* significam mães, já *iyalode* é um título ligado a ancestralidade feminina, uma dama da alta sociedade, um cargo civilizatório intrinsecamente ligado a sua importância para a manutenção do conjunto social, das boas trocas, logo, trata-se do reconhecimento da potência feminina para além das qualidades maternas.

Lena Martins⁴⁴, uma artista e artesã natural de São Luís do Maranhão, produziu uma boneca de nome *Abayomi*, meu presente, em iorubá, na década de 1980. Contudo, a necessidade dos descendentes dos colonizadores de aliviar a *mea culpa*, somado ao fetiche por mitos, fez com que uma história fosse construída ao redor da mesma. As mães faziam bonecas com pedaços de tecidos arrancado das saias para acalmá-las durante a travessia nos navios tumbeiros pelo Atlântico, entretanto, a história nos conta que os colonizadores não traziam crianças, pois as mesmas não possuíam serventia e que se as mulheres dessem à luz nesses navios, os bebês eram jogados no mar. Isso nos revela sobre a necessidade de reprodução e validação da mulher em função da maternidade, negando-lhe a possibilidade de outras narrativas.

É de suma importância, a validação dos conhecimentos gerados pelos trânsitos realizados pelos corpos dessas mulheres, pois é através deles que ocorre a constituição da cultura de uma comunidade, as mesmas portanto, representam a própria fonte do rio que carrega em suas águas a pluralidade de experiências acumuladas por suas ancestrais. Para que possamos banhar no mesmo é necessário nos despirmos das roupagens carregadas de conceitos preconcebidos em função de uma cultura decadente estruturada por homens brancos para a manutenção de seus privilégios. Dessa forma, o processo de compreensão de uma epistemologia contra-colonial perpassa diversas esferas da sociedade e dos corpos que caminham nas encruzilhadas e nas margens da mesma, logo, esse giro epistemológico requer a discussão sobre a cultura corporal.



Figura 6: Rio Piracuama, em Pindamonhangaba- SP, fundamentado para *Osùn*, onde todos os filhos renascem e se reconstroem com sua ancestralidade. Acervo pessoal.

⁴⁴ [Abayomi-Boneca Preta Brasileira - Lena Martins](#) <acesso em novembro de 2022>

CAPÍTULO 3

Egbomy

Omúlú pè olóre
*Àwúre e kú àbò.*⁴⁵

A escrita deste capítulo visa continuar a problematização sobre o que compreendemos como corpo e a cultura se constituíram a partir dos trânsitos percorridos e quais as ressignificações podemos obter a partir dos cruzos com a Educação Física. Antes de continuar esse percurso, faz-se necessário o silêncio para que as inquietações possam se agitar e assim o milho possa renascer com uma flor de *doburu*⁴⁶. O *orin*⁴⁷ acima, pode ser traduzido, como: Omulu, senhor da sorte, use teu feitiço para nos trazer a boa sorte, seja bem-vindo. Para a sua chegada, o coro se dobra tocando o *Opanijè*⁴⁸, e através de sua dança, conta-nos, sua história. Sua mãe Nanã, tinha um grande amor em sua vida, seu pai, Oxalá, fruto dessa relação, ele surgiu, quando nasceu o seu corpo estava coberto por marcas, sua mãe prontamente identificou que seria uma infância difícil e por já ter entregue todo seu amor ao senhor do branco, não sobrou muito para dar a esse recém-nascido, então decidiu lhe deixar a beira-mar, pois sabia que *Yemonja*, a senhora de todas as cabeças, cuidaria dessa criança. Assim ela fez, e assim aconteceu, a *yaba*⁴⁹ o adotou, e cuidou de suas marcas, fazendo com que o mesmo chegasse a vida adulta, a magia do mesmo floresceu como pipoca, seu poder era tanto que ele brilhava como o sol, cegando quem se aproximava dele, para evitar isso, *Yemonja*, cobriu-lhe de palhas para que pudesse caminhar entre os homens.

Esse *itan*, nos conta sobre a poder da transformação, a capacidade de alcançar os nossos potenciais através da mediação. Mais ainda, esse signo da cultura afro diaspórica carrega debaixo de suas palhas, e nos movimentos de sua dança, o caminho para morte da neurose social, sua absorção e ressignificação. Portanto, adotaremos a partir daqui o uso do substantivo negro em substituição dos termos: subalternizados e marginalizados, faremos uso do *Azê*⁵⁰, em contraposição ao que o colonizador pensava que esconderíamos- as nossas chagas- estaremos na realidade escondendo o

⁴⁵ Cantiga de Omulu, compartilhada nas redes sociais por Alana Àyòkà. <acesso em novembro de 2022>

⁴⁶ Doburu é a comida ritual do orisa Obaluaiye, podendo ser traduzida como pipoca.

⁴⁷ Orin, palavra em iorubá pode ser traduzida como cantiga.

⁴⁸ Ritmo tocado pelos atabaques para o orisa Omulu, significa matar e comer, durante sua dança, o mesmo mexe a terra, o ar e os seres humanos e recolhe as doenças que lhes aflige, transformando em saúde. Come o milho e com o calor de seu coração transforma tudo em pipoca.

⁴⁹ orixá feminino

⁵⁰ Coroa de palhas do Rei e Senhor da Terra.

brilho do sol, para que o mesmo não se cegue enquanto dialoga conosco. Para elucidar essa transformação nos apropriamos do Coletivo de Autores, 1992, o mesmo representa uma alteração crítica do paradigma dessa área de conhecimentos a partir do método marxista, a mesma propõe como objeto de estudos a cultura corporal, logo, partem do eixo histórico e dialético para propor uma metodologia de ensino capaz de contemplar os filhos da classe trabalhadora.

A perspectiva apresentada pelo Coletivo de Autores (1992) trouxe uma noção de que “a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais [...] que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal” (p.50). Essa cultura corporal está diretamente ligada ao corpo e ao movimento, em heranças culturais produzidas ao longo da história da humanidade e, tal qual como parte do trabalho desenvolvido na escola, dar acesso a essa herança é função da educação física escolar. (GOMES, 2019, p.66).

Realizando um breve retorno histórico, a partir do início do século XX, a Educação Física é desenvolvida no Brasil, a partir das práticas eugenistas e higienistas, isto é, somado ao entendimento de superioridade de uma raça sobre outra e a necessidade de docilização dos corpos negros historicamente tidos como violentos. Em seguida a mesma assume um caráter militarista, a preparação desses indivíduos para lutarem nas guerras que as elites iniciaram.

Com o passar do tempo a EF, ainda assumiria um local de preparação dos corpos para o mercado de trabalho e depois do golpe militar de 64, assumiria a face de esportivização e recreação, é somente na década de 1980, conhecida pelo coletivo de estudantes, professores e profissionais, como a :

“década da crise da Educação Física”, em função dos calorosos (e polarizados) debates sobre: formação profissional (licenciatura x bacharelado), mercado de atuação (escola x clube/academia), qual classe social a educação física está servindo (proletariado x burguesia), usos políticos/ideológicos da educação física e do esporte, e a não menos famosa discussão do objeto de estudo. (MARANHÃO, 2009, p.32)

Através de influências marxistas que se inicia a discussão de classes e a problematização de uma educação notoriamente crítica que objetivava uma transformação social, mesmo nesse contexto de crise o coletivo que problematiza, pouco discutiu sobre as relações étnico-raciais, logo, vale ressaltar que a abolição do sistema de classes caso não interseccionado com reflexões sobre raça, gênero e sexualidade resultaria na manutenção dessas opressões. Lino Castellani (1988) propõe-se a estudar as necessidades que a EF respondia no Brasil, através do retorno histórico, afirma que na época do Império a mesma tinha como função reforçar a estereotipia de comportamentos masculinos e femininos, na década de 30 foi ferramenta para a produção de uma identidade moral e

cívica necessária para o adestramento dos corpos para a defesa da nação, mais adiante serviria para o adestramento e capacitação da mão de obra e após 64 e a sua inserção no ensino superior, a difusão de seu caráter lúdico-esportivo serviria para esvaziar as articulações dos movimentos estudantis.

Reconhecendo os avanços nas áreas geradas pelo Coletivo de Autores, 1992 faz-se necessário discorrer sobre os limites, dentre eles, a pouca discussão sobre as questões étnico-raciais tão presentes em nossa sociedade. Pensar o corpo a partir de uma lógica cultural é superar a pureza do olhar biológico e discorrer sobre “[...] indivíduos que não estejam dentro de uma formatação social masculina, branca, heteronormativa, cis e magra [...]” (GOMES, 2019, p.67). Trata-se de pensar uma Educação Física a partir da pluriversalidade existente na sociedade, socializar um indivíduo somente com conhecimentos tido como clássicos em um sistema cultural tão complexo é transformar a educação em uma reta, sem as curvas geradas pelos cruzos ela não se torna uma espiral. Sendo assim um indivíduo desconhece a encruzilhada, está atado durante todo seu processo de formação a um caminho estratificado, o que acaba por produzir um processo de identificação singular, que lhe amarra na malha social impossibilitando o movimento necessário para contradição e produção de sínteses. Para tanto, trata-se da capacidade de cruzo do entendimento do corpo biológico ao cultural, assim como do corpo europeu herdado pela antiguidade clássica junto ao corpo negro.

A EF em seu caráter contracolonial se apropria da cultura corporal acumulada pelos povos originários, afrodiáspóricos dentre outros. Todavia, essa apropriação não deve ocorrer somente em datas comemorativas realizando a necessidade de fetichização mítica por parte do coletivo colonizado, a proposta de intervenção deve estar presente em todo currículo, com a possibilidade de diálogos interdisciplinares, logo, em invés de falar de samba somente no carnaval, por que não estruturá-lo enquanto conteúdo da dança, traçando as narrativas e seus enredos nas aulas de história, sua rítmica e oralidade nas aulas de português, sua potencialidade criativa nas aulas de artes e assim sucessivamente. Somado a isso, está a quebra da tradicionalidade criada pelo sistema racista para a estereotipia de tudo que é negro, colocando seus pertencentes étnicos num novo navio com destino as bordas do planeta Terra.

Para avançarmos na escrita é necessário que contextualizemos a Educação Física Escolar, essa área de conhecimento discorre sobre a prática social presente na escola pois é produto da materialidade das relações sociais, logo, precisa estar assentada nesse chão e problematizada por quem caminha nela. Por conseguinte, em contraponto ao uso de teóricos da área que pensam a escola a partir de um olhar reducionista-academicista, nos apropriaremos daqueles que junto ao corpo de professores, técnicos e auxiliares ocupam esse espaço com seus corpos e fazem de suas

cores, as tintas para a escrita de suas histórias, os alunos. Para que essa encruzilhada seja possível tomaremos a tese de mestrado de Gomes (2019), na qual o autor constrói um livro, produto de uma série de escrevivências⁵¹ junto a um coletivo de estudantes negras e negros que problematiza os limites gerados pelo racismo estrutural e constrói de forma coletiva um conjunto de possibilidades que ressignificam as histórias e abrem um leque potente para a subversão do sistema de opressão. “[...] que minha mente e meu corpo não estejam somente absorvendo, mas também criando. [...]” (VICTÓRIA, 2019, p.37). Na concretude das narrativas geradas por esse grupo que são refletidas o que é compreendido por Escola. Os muros da mesma não se mostram altos o suficiente para impedir a entrada do preconceito e da violência vindos da sociedade e por muitas vezes reproduzem em seu âmago, distâncias geográficas, psicológicas e culturais que estimulam a evasão escolar principalmente da população negra.

O autor justifica a escolha do método pelo paradoxo presente nas escritas, mesmo em seu caráter sintético, elas conseguem trazer a densidade e a potência sonora das vozes que são silenciadas, em suas palavras: “[...] histórias longas condensadas em curtas palavras, tal qual, gotas de chuva que fizeram parte de uma nuvem muito maior. Gotas que, antes de nuvem, percorreram inúmeros caminhos na Terra. [...]” (GOMES, 2019, p.88-89)

*Arroboboi!*⁵²

Para tanto, trata-se da compreensão de que o silenciamento é proveniente da materialidade da sociedade, que visa a reprodução de um sistema ideológico, como o intelectual negro Alake Oranyan Rodrigues Almeida, 2021 pontua muito bem, em sua monografia. A mesma pode receber outros nomes, que visem a ocultação do fenômeno, impedindo a sua reflexão.

A Escola é uma instituição cercada de contradições, e em meio a isso, surge a terminologia bullying, com o intuito de desviar e reduzir a discussão acerca da violência escolar, impedindo a sua reflexão, leva o entendimento desse fenômeno a uma perspectiva moralista, individualista e naturalizante, como se fosse algo ‘próprio do universo da criança e do adolescente’. A concepção de bullying atende a razão de domínio, uma vez que há um silenciamento e ocultamento das formas de violência, é esvaziado o conteúdo e a substância da categoria violência e busca-se

⁵¹ Conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo. Em entrevista concedida para a revista Conexão Literatura, a autora diz: “Enquanto um processo criativo pode se dar pelo olhar de “uma patroa ou patrão”, que na porta do quarto da empregada olha para a personagem lá dentro, para a construção da mesma, o processo criativo que experimento, por injunções de uma história particular e coletiva se torna outro. Trago outra vivência, a minha fala nasce de dentro do quarto da empregada. Posso ser a própria empregada falando, escrevendo, concebendo uma personagem de si própria. Escre(vendo) se. Escrevivendo-se. Escrita e vivência. Vivência como sumo da própria escrita. Escrevivência.” (EVARISTO, 2017 *apud* GOMES, 2019, p.70)

⁵² Saudação ao Orisà Ósumàré, ligado à chuva que fertiliza a terra e ao arco-íris que representa a união do céu à terra. Em postagens nas redes sociais, Mãe Ana Vieira socializa sua sabedoria a partir de um escrito: “Ósumàré nos ensina que às vezes precisamos trocar de pele, abandonar velhos hábitos e velhas convicções! Recomeçar não é sinal de fraqueza e sim de fortaleza!” <postado através do *instagram* no dia 22/11/2022>

explicar de uma nova forma, caracterizando-a agora como bullying. (ALMEIDA, 2021, p.53)

Dessa forma, a superação da violência perpassa a rompimento do silenciamento desses corpos, um dos caminhos rumo a produção dessa síntese, é a capacidade de escuta. “não é falando aos outros [...] que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles”. (FREIRE, 1996, p.111 *apud* GOMES, 2019, p.68). Por conseguinte, a busca por uma educação antirracista está intrinsecamente ligada com a vida, comunidade e corpos desses indivíduos, logo, é necessário que o destino, torne-se o próprio caminho e mais do que Bocas⁵³, sejamos também ouvidos (Roque). Nas palavras de Izabella:

Uma situação que podemos observar nas escolas, principalmente no ensino fundamental, são as punições. Um exemplo é quando algum aluno faz algo errado, vai contra alguma regra, ou até mesmo por baixas notas, ele recebe como punição ficar sem a aula de educação física. Basicamente tiram uma das poucas coisas que aquela criança tem para se divertir, se distrair de algum possível problema que esteja passando, provavelmente o deixando ainda mais frustrado e triste. (GOMES, 2019, p.144)

A fala dessa aluna aponta para diversas problemáticas, dentre elas a desvalorização da Educação Física, a mesma não é considerada como um componente curricular tão importante quanto as ciências exatas, biológicas e linguísticas. A mesma ainda está associada ao prazer, a recreação, sua existência está ligada ao lazer, quase como uma espécie de alívio momentâneo de *stress* gerado pelas outras disciplinas, os alunos com ânsia de deixar a sala de aula, assim como um nadador que está em apneia durante alguns minutos possui à vontade quase instintiva de retornar a superfície para respirar.

Entende-se a estruturalidade do problema, o processo de alienação gerado pela ideologia que não busca refletir sobre o corpo e muito menos da cultura dos mesmos. Nos apropriando da Mestra Juliana Jardel a partir da roda de conversa mediada pela mesma após a apresentação de seu vídeo performance do *Àiyé ao Òrum: A escrita do corpo na diáspora*, realizada no dia 25 de novembro de 2022 às 9h00 no auditório Maria Geralda de Almeida no IESA-UFG, organizado pelo Lagiciarte como parte da programação do Novembro Negro, para os povos afrodiaspóricos marcados pelos

⁵³ Referência ao personagem interpretado por Wagner Moura no filme: “Ó pai, ó”, obra que retrata o dia-a-dia em um cortiço na cidade de Salvador durante o carnaval, quando os moradores enfrentam o problema da falta de água, cada personagem representa uma das estereotípias sociais e através de suas interações dialogam com as problemáticas brasileiras, Boca representa o racismo reproduzido pela camada privilegiada da sociedade. Em uma cena dessa obra o mesmo é confrontado por Roque, personagem interpretado por Lázaro Ramos, representando uma das máximas da dramaturgia brasileira.

trânsitos atlânticos, os nossos corpos são tecnológicos, negar isso, trata-se não somente da desterritorialização do mesmo como da negação ao acesso dos saberes ancestrais. Para quem está inserido em sistemas organizacionais que pensam o indivíduo em função de sua comunidade, esse processo não é só violento, é homicida, visa a morte da subjetividade e, por conseguinte, o adoecimento da cabeça e do corpo.

Segundo Tavares (1997), para populações africanas trazidas para o Brasil, e América pré-colombiana, o corpo coexistiu e coexiste como dispositivo de poder, de identidade e de linguagem transparente em seu cotidiano. Nesses grupos, não obstante a presença da comunicação verbal, foi pela comunicação não verbal que se realizou a construção de estratégias que transgrediram, pela via do lúdico, os rigorosos grilhões do cotidiano do colonialismo europeu. (MARANHÃO, 2009, p.10)

Para Maranhão (2009), a cultura escravista deixou como marca a diferenciação entre atividades braçais e intelectuais, o corpo e a mente o que acaba por contribuir para uma naturalização das desigualdades sociais, ao analisarmos a cultura corporal afro-diaspórica em função do biológico, acabamos por contribuir para a desumanização desses indivíduos, de suas histórias e raízes ancestrais, logo, é necessário que problematizemos o local de transmissão desses saberes em função das múltiplas identidades existentes na sociedade. Para Munanga (2002) *apud* Maranhão (2009), “podemos ser atravessados por várias identidades, uma mesma pessoa, um mesmo indivíduo pode viver várias identidades num mesmo momento” (p.13) podendo ser individuais, coletivas, em função da família ou religião. Dessa forma, é contundente a necessidade do reconhecimento do valor identitário, aluno, para que uma real comunicação assentada nas boas-trocas possa ser constituída.

Tendo na Escola um campo de possibilidades e de limites, é de suma importância que os alunos sejam empoderados, ouvidos e socializados para o confronto com as estruturas de poder reproduzidas historicamente. Dessa forma, trata-se da capacidade de garantir a qualidade do processo de ensino-aprendizagem dessas alunas e alunos, sem repetir um sistema meritocrático, pois a escola não é um local isolado da malha social, logo, a família, a religião e demais grupos e espaços que esses alunos ocupam, acabam por influenciar a sua relação e desempenho dentro dos muros escolares.

Por conseguinte em uma sociedade historicamente racista, os alunos acabam por enfrentar uma série de discriminações pelo simples fato de seus corpos estarem ocupando aquele espaço, o que acaba por afetar sua autoestima, sua saúde psicológica e em alguns casos sua integridade física, logo, o espaço que deveria promover acolhimento, isto é, socializar o indivíduo em um conjunto cultural através transmissão de conhecimentos e valores considerados necessários para a produção

da materialidade daquele coletivo acaba por ajudar no desenvolvimento do processo de exclusão. Nas palavras de Victória:

Uma das poucas formas que eu encontrava para ter algum sentimento bom em relação a mim mesma eram as notas, eu tinha a ideia de que precisava ser boa ao menos naquilo, que, apesar de eu ter tentado, eu não podia ter o corpo, a pele, o cabelo, a personalidade que me cobravam, eu pelo menos teria a “inteligência”, então comecei a me cobrar incansavelmente, e passei um bom tempo da minha vida me dedicando e me importando com os estudos de um jeito meio destrutivo. (GOMES, 2019, p.149)

O relato dessa aluna, assim como gotas de chuva, fazem parte de uma grande nuvem, representam um conjunto de memórias e subjetividades que são constantemente colocadas à prova, a necessidade de ser visto, ouvido e validado, a grosso modo, ser humanizado representa o pluriverso subjetivo assente na mente de alunas e alunos, cujos os corpos terreiros, não estão dentro da lógica cultural eurocentrada. Em uma homenagem a Paulo Freire, a página *funkeiros cults*⁵⁴, conceitua: “A educação não revoluciona o baile, a educação revoluciona os crias, e os crias revoluciona o baile”. Dessa forma, não se trata da responsabilização da educação e, portanto, da escola isolada, alterar as estruturas sociais, mas sim, de formar indivíduos críticos, capazes de problematizar e instrumentalizar soluções para a emancipação de um sistema que não lhes contempla/sacia/plenifica. E para que esse processo aconteça é necessário que aqueles que intervêm no chão da escola junto dos terceirizados, técnicos e alunos, tenham uma formação adequada dentro da educação para as relações étnico-raciais.

Partindo do artigo de Mendonça, Freire e Miranda (2020), na qual o autor e as autoras objetivaram compreender como a temática das relações étnico-raciais têm sido estudadas pela Educação Física Escolar, podemos observar a baixa discussão da área e um aumento no número de produções após a *lei 10.639/03*, contudo, mesmo depois de 15 anos da promulgação da mesma, muitos professores desconhecem sua existência, seja pelo silenciamento ou pela baixa divulgação. Em termos gerais as produções analisadas, eram pesquisas qualitativas e quantitativas que analisavam a formação, a identificação e a intervenção, tendo como objetos centrais: o Jongo, a Capoeira e as brincadeiras de matrizes africanas e indígenas. Os professores entrevistados reconheceram a importância das mesmas, mas quando questionados sobre a apropriação e o uso

⁵⁴ Perfil das redes sociais que visa analisar as obras tidas como clássicas e ressignificá-las a partir da ludicidade para que as mesmas possam ter sentido para o povo da periferia. Disponível em: [https://www.facebook.com/funkeiroscults/photos/a.102311678172099/121492272920706/?_cft__\[0\]=AZWL2AoW50RO3eKZ08HqGUgqMGCBqSuElom1JjE-D3qCMoi4VmoZ9alBipNlvyqRYu2bRWsV6F1hGnNEyYj1IWajCX8-BgHhTiJXKqgS9BkMKNEYWsbALybFfrfISwF7G1wnHuH6CtfdpAEftUc6QNM&_tn_=-EH-R](https://www.facebook.com/funkeiroscults/photos/a.102311678172099/121492272920706/?_cft__[0]=AZWL2AoW50RO3eKZ08HqGUgqMGCBqSuElom1JjE-D3qCMoi4VmoZ9alBipNlvyqRYu2bRWsV6F1hGnNEyYj1IWajCX8-BgHhTiJXKqgS9BkMKNEYWsbALybFfrfISwF7G1wnHuH6CtfdpAEftUc6QNM&_tn_=-EH-R)

desses conteúdos em suas intervenções, uma porção apontou utilizá-los, mas afirmaram que pelo baixo domínio o conteúdo não alcançava a sua total potencialidade e a outra porção indagou que não fazia uso desses conteúdos por sua não-apropriação, de acordo com os autores e autoras:

Para que haja uma mudança de postura na consolidação das discussões acerca das questões relacionadas as relações étnico-raciais, dentre outros fatores, deve-se entender a necessidade de mais investimentos, além de uma insistência no que diz respeito às formações específicas, que proporcionem aos profissionais não só a capacitação, mas que oportunize a compreensão da importância das questões relativas à diversidade étnico-racial, a fim de que se criem estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las (BRASIL, 2004 *apud* MENDONÇA, FREIRE e MIRANDA, 2020, p. 15).

Para tanto, trata-se de compreender a necessidade de investimentos na educação, na sua base e no ensino superior. Dessa forma, o risco da fragmentação isolada desse conteúdo previsto pela lei 10.639/03 é eminente. Faz-se, portanto, necessária a discussão da curricularidade como um todo, isso perpassa a interdisciplinaridade na educação básica e o desenvolvimento de disciplinas na graduação e na formação continuada que preparem os futuros professores e aqueles já inseridos no mundo de trabalho para lidar com as relações étnico-raciais.

Para que política educativa das relações étnico-raciais possa ser consolidada é importante o ato de reforçar a produção do *habitus* docente, isto é, a formação de uma segunda natureza baseada na indissociabilidade da figura do professor pesquisador, aquele que está em movimento, não se estatizando a partir da lógica que uma vez diplomado já possui todo o conhecimento necessário para intervir e não precisa mais estudar para realizar as boas trocas. Para Simas e Rufino (2018) trata-se do pesquisador-cambono, na produção dos autores, o cambono seria uma espécie de auxiliar, aquele que realiza as atividades anteriores aos fazeres e saberes necessários para a abertura de caminhos, a grosso modo, seria quem está: “[...] na porteira da condição de não-saber e da emergência do ato de praticar [...]” (SIMAS; RUFINO, 2018. p. 37)

Em uma linearidade de racionalidade seria algo contraditório pela dicotomia entre a teoria e a prática, entretanto para povos que partilham da circularidade como episteme, o não saber é necessário para o que será praticado, sendo assim o conhecimento não é o sobre o acúmulo, mas sim sobre a experiência. Considerar o não acabamento, gera o entendimento da imprevisibilidade e valoriza o reconhecimento do local do cruzo, como campo de trocas. Para Isadora, “[...] seria bacana se os professores escutassem nossas opiniões de como queremos a aula, e poder adaptar a aula que ele quer dar com que nós também queremos e nos interessamos a aprender.” (GOMES, 2019, p.154). Portanto, o diálogo não busca a relativização do que deve ser ensinado, mas sim da

capacidade de escuta por parte do docente, isto é, da leitura da prática social que estão inseridos, assim como da potência didática que estimula o interesse e agiria qualitativamente sobre o processo de ensino e aprendizagem. A escrevente ainda indaga:

Como exemplo, eu, como estudante negra, gostaria muito que meus professores se interessassem pela nossas opiniões, queria muito ter aula sobre a cultura negra, aprender mais a origem das brincadeiras, danças e jogos que nós negros somos protagonistas da maioria e alguns nem sabemos disso, podíamos fazer eventos educativos em cima disso, algo informativo que aborde esse assunto essa cultura, nossa cultura, mostrar nossa Arte falar como nós negros contribuimos bastante pra muitas coisas que pessoas brancas hoje, utilizam, jogam ou fazem e não ganhamos reconhecimento disso. (GOMES, 2019, p. 154)

Na organicidade de sua escrita, ela consegue abordar temas que até mesmo a academia possui dificuldades de pautar e a escola de inserir. Discorre sobre a obrigatoriedade presente na Lei e as suas dificuldades de inserção no cotidiano das escolas, fala sobre epistemicídio e seu gêmeo, a apropriação cultural. Mas a quem interessa o diálogo ou sua ausência? Poderíamos discorrer sobre a dicotomia, afirmando que o diálogo beneficiaria o povo assente em outra lógica que a eurocentrada e sua ausência contribuiria para a manutenção dos privilégios daqueles que possuem o poder em uma sociedade de classes. *Igbá Ketá!* A troca é o principal fundamento do mercado-mundo, através delas a sociedade alcançaria a potência firmada na circularidade, isto é, as experiências de cada indivíduo viriam a refletir na comunidade, logo, a encruzilhada não é sobre o caminho escolhido, mas sim sobre o local que é os sete caminhos.

Traçando uma analogia a partir das artes visuais, os diretores ao escolherem as atrizes e atores para o desenvolvimento das personagens, realizam a leitura do roteiro, e através das audições buscam pessoas e escolhem as que consideram mais aptas para dar vida a obra. Em uma das passagens da obra biográfica, *Na Minha Pele*, de Lázaro Ramos (2017) presente na tese de mestrado de Jean Santos, 2021, as personagens negras são escolhidas a partir de uma estereotipia gerada pelo racismo estrutural, podendo ser enumeradas a partir das *tags*:

1. A mãe preta que faz tudo pelos patrões;
2. A empregada doméstica espevitada, servil, bisbilhoteira, sedutora, cômica ou submissa;
3. O fiel amigo do jagunço (que é, na verdade, a versão masculina da empregada doméstica);
4. O escravo (um clássico, não é mesmo? Falarei mais sobre isso depois);

5. A negra fogosa e sensual;
6. O malandro;
7. O negro “perfeito”, termo inventado por Joel Zito Araújo para designar o negro que se afasta de sua origem e se torna, assim, mais aceitável aos olhos dos brancos;
8. O negro “escada”. Explico: ele só está lá para mostrar como o personagem branco é bom ou mau, ou mais importante que ele. (RAMOS, 2017, p.84 *apud* SANTOS, 2021, p.14).

Ao se pensar sobre a estrutura social, deve-se refletir sobre o capital cultural como um conjunto dialético a hegemonia ideológica, um sistema no qual “[...] atribuem-se racionalmente significados às coisas, por meio de seus vínculos e ligações complexas com a forma como uma sociedade é organizada e controlada.” (APPLE, 1982, p.22). Por conseguinte, constroem-se indivíduos a partir de um conjunto de valores e edificam-se histórias nas quais os mesmos teriam mais sentido. “Já na sua produção e propagação como mercadoria econômica e pública — na forma de livros, filmes, materiais, e assim por diante — é continuamente filtrado através de vínculos ideológicos e econômicos.” (APPLE, 1982, p. 19). Dessa forma, essas produções não visam meramente o acúmulo de capital econômico, o maior lucro objetivado é a preservação de um local a-histórico que visa a perpetuação de um sistema pautado pela contradição de classes, e por conseguinte a acumulação do capital tido como cultural; isto é, na medida que os indivíduos possuem herança/patrimônio cultural têm uma vantagem no processo de socialização em relação aqueles que não têm, essa forma de acumulação também possibilitaria privilégios para aqueles que a possuem. A compreensão desse local, perpassa o entendimento da escola como uma instituição da sociedade, estruturada para validação desse acúmulo por parte da classe dirigente e dominante assentada em função do formato piramidal da sociedade. Portanto, indivíduos herdeiros da cultura eurocentrada não possuem somente uma vantagem em função de uma acumulação prévia de signos e significados, como também são *predestinados* a um melhor desempenho já que os conteúdos, tal qual, as avaliações meritocráticas são programadas. O uso desse determinismo pode ser perigoso, na medida que, o mesmo pode empreender um fatalismo para aqueles assentes em outro conjunto cultural, contudo, sua apropriação é em função da validação acadêmica, isto é, a incorporação de um aporte teórico proveniente das metrópoles coloniais, tal qual, os Estados Unidos, tende a promover um melhor diálogo com os mais velhos da academia, é um dos exemplos suscitados por Apple (1982).

Não obstante a compreensão da escola como uma instituição social e campo de reprodução do capital cultural, nos convida a indagá-la dentro de uma encruzilhada, e refletir sobre o sistema de organização, validação e transmissão de conteúdos, conhecido como currículo. Perguntas generalistas, como quais conteúdos compõem o currículo, qual grupo o produziu, quem se beneficia

com isso, dentre outras, já foram desenvolvidas nesse percurso de escrita e foram melhor dialogadas nas bibliografias referenciadas. Destacamos que a pergunta a se circunscreveu todo o trabalho, conscientemente ou não, foi realizada por uma das alunas de Izaú Gomes, durante a porção final de um debate: "professor, você podia perguntar se alguém já quis trocar ou nascer de outra raça. "Um breve silêncio se instaurou e logo em seguida pequenas expressões como "nossa", "pesado".....e você que está lendo, já quis? (GOMES, 2019, p.163)

Pergunta essa capaz de apresentar uma face da epistemologia, validá-la e propor caminhos para uma Educação Física antirracista. A mesma contradiz a sociedade baseada na cosmovisão predominante, já que as lágrimas limpam os olhos e ao mesmo tempo, turvam a visão. Supera a racionalidade já que abre as cicatrizes geradas pelo racismo e escondidas para a aceitação social, permitindo que o povo negro sinta cada letra constituinte da palavra. Destrói o mito de democracia e igualdade racial, já que força o branco a reconhecer os seus privilégios. Discorre sobre o local de alunas, alunos, professoras e professores que violentados pela materialidade do mundo, relegam aos mitos e abstrações, o local de identidade em detrimento ao conjunto concreto. Rompe a neutralidade, já que o narrador se torna o próprio personagem que busca por ressignificações para justificar a sua existência nesse mercado-mundo.

Ato é aquilo que se faz ou se pode fazer.

Na escola o ato de ensinar a E.F é mais do que recreação ou lazer.

Construção de um sujeito social, para além do corpo sentado.

Adestramento ou assentamento, sem crivar ninguém do conhecimento crítico fomentado.

Movimento de ruptura, às vezes parece loucura ou um sonho de liberdade.

Com diretrizes que dizem igualdade, mas que fogem da nossa realidade.

Consciente coletivo de transformação, vai além do que fizeram da nossa educação

Miranda, 2023⁵⁵.

A Educação Física Escolar, mais do que ferramenta para a execução da *Lei 10.639/03*, atua no campo metodológico a corroborar com a educação das relações étnico-raciais? É necessário um diploma para ensinar, ou o conhecimento/produto de experiências já basta? A mesma possui conteúdo ou serve para a diversão dos alunos? Se a escola é um local assente no mundo das ideias, o que faz o corpo? Essas e tantas questões fazem parte da formação de estudantes na educação básica e no ensino superior e desenvolveremos algumas postulações no campo do paradigma da

⁵⁵ Poeta negro e companheiro de graduação que produziu esses versos em especial para esse trabalho.

cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992). A EF é uma área de conhecimento já que a mesma não possui um objeto de estudo unificado e faz uso das ciências naturais e humanas para a construção de seus saberes. Uma vez institucionalizada e credenciada, possui órgãos reguladores responsáveis pela transmissão e fiscalização da prática, logo, o conjunto burocrático exige um diploma. O conteúdo da EF proposto pelos autores utilizados propõe a cultura corporal como objeto, sendo sua transmissão necessária para a socialização do indivíduo, logo, a mesma se apropria da ludicidade mas essa não lhe resume. Somando aos autores utilizados, existe a noção de práxis, isto é, a indissociabilidade da teoria e da prática, da mente e do corpo e por conseguinte do ato de ensinar de seu produto, portanto, a dialética propõe que o desenvolvimento humano através do trabalho possibilita a apropriação de instrumentos concretos e abstratos para a sua inserção na materialidade. Mas, o que faz o corpo?

O corpo canta, dança, se move, é tecnológico. Uma EF que contribui para a superação da concepção mecânica de corpo, coaduna-se com o movimento do real e se vincula a compreensão dialética do movimento corporal, em suas perspectivas biológicas, psicológicas, sociais, culturais e políticas. Dessa forma, a encruzilhada constituída pela Lei, escola, corpo e EF, assume o caráter de pergunta e de resposta. Superando a dualidade, ela se torna *Esú*, a própria contradição o que não é e o que virá a ser. Para tanto, não se trata de uma epistemologia eurocêntrica ou contra colonial, para produção da síntese, faz-se necessário, primeiro, a antítese. Anterior a discussão de um melhor caminho que vise a transformação social, precisa-se de discutir sobre a própria encruzilhada. Assim como, o signo apropriado possui dificuldades de inserção em um conjunto social que tolhe e tem a sua legitimidade constantemente questionada em função de uma organização de validação de saberes. É secundarizada em função de outras experiências e sua luta e resistência, tornam-se quase sinônimos de sua essência. Caso encarnada, de certo seria uma pessoa preta.

Sinteticamente escrevo sobre um conjunto de palavras faladas, uma narrativa, que em seu coletivo possibilitam a produção de um corpus literário contra-colonial construído na encruzilhada e assentado na contradição, trata-se da superação de uma história única, é a capacidade polissêmica do que foi acumulado, junto a representatividade necessária para a identificação daqueles que caminham. A encruzilhada enquanto método discorre sobre o conjunto de saberes pautados na comunicação, o que compreende a superação de um ou de outro, é sobre a capacidade de escuta para a organização da fala, um processo de ensino-aprendizagem pautado no protagonismo e emancipação está baseado na humanização desses indivíduos, "idade é cargo", contudo que o processo ontológico seja valorizado. Dessa forma, para uma Educação Física antirracista é preciso a alteração do que se entende por corpo e a cultura produzido pelos trânsitos do mesmo, a apropriação do que se entende por negro, africano e afro-brasileiro, sua cultura e história deve ser organizado

não pelo olhar eurocêntrico do colonizador, mas sim sobre a razão, e experimentação dos escrevintes assentes nessa epísteme. Em conjunto com a narração de outras histórias estão os narradores, personagens e diretores que lhe trazem a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações nem tanto iniciais e menos ainda finais visam sintetizar o que foi produzido ao longo destas páginas. Essas que por sua vez representam a síntese de um conjunto de transmissões, às vezes escritas e às vezes orais, que buscam resumir o que foi ouvido, falado, sentido, problematizado e por fim vivido ao fim desses 5 anos de graduação por hora concisos, por horas prolixas.

O primeiro capítulo, *Abyan*, visou apresentar brevemente a *lei 10.639/03*, seus desdobramentos e possíveis significações para com a Educação, refletindo sobre a diferença entre quem produziu a lei e sobre quem ela discorre, apresentando o retorno histórico enquanto método para se discutir sobre o objeto, as narrativas e os territórios. Problematizou-se sobre a construção da sociedade brasileira, partindo de suas contradições e incoerências, a presença dos mitos e atos carentes de significados, produtos da fetichização do coletivo colonizado por sua vez provenientes do processo de denegação produzido em função da neurose social, para buscar uma alteração da realidade para um alívio da *mea culpa*. A construção do capítulo busca inflamar a discussão sobre a constituição do calendário, sobre a lembrança do povo preto somente em épocas festivas onde tudo é permitido, e por que não a recuperação da memória daqueles que construíram o país em troca da exploração e violência.

O segundo capítulo, *Yawo*, buscou discutir sobre epistemologia, uma palavra acadêmica que representa o estudo dos signos e significados produzidos por um determinado grupo em um tempo e espaço, um estudo que analisa como o conjunto cultural desses indivíduos produz conhecimento e quais as ferramentas de validação e transmissão dos mesmos. Para a construção argumentativa desse capítulo, foi utilizado a comparação enquanto método, para a superação da dicotomia monoracional, isto é, em contraponto a escolha de um sobre outro, ou qual é o bom e qual não é, foi proposto *Igba Ketà*, a contradição do contrário, dessa forma, não se trata da imposição de um conjunto sobre outro, mas sim, da valorização do mercado-mundo e da possibilidade de confluência entre os signos necessários para o desenvolvimento das boas trocas, por assim dizer, da comunicação. Neste conjunto de orações ainda se iniciou a problematização sobre o entendimento da noção de corpo, já que para povos assentes em uma lógica contra-colonial, o mesmo não representa tão somente, uma manifestação biológica e física produto do mundo das idéias. Ainda se discutiu sobre as máscaras sociais e suas peles negras, a construção da estereotipia sobre o violento e da solidão provindos da lógica eugenista, analisou-se o papel da mulher para além da maternidade, enquanto damas da alta sociedade, aquelas que tornam o rio sagrado, águas essas que

representam a produção e síntese de saberes ancestrais. Por conseguinte, a produção de indivíduos capazes de narrar suas histórias para além da violência da dor e sofrimento.

O terceiro capítulo, *Egbomy*, objetivou discutir sobre a cultura produzida pelos trânsitos desses corpos e as suas relações com a Educação Física, enquanto método utilizou a análise da fala de estudantes negras e negros, como possibilidade ressignificadora em confluência com referenciais acadêmicos, para produzir uma similitude entre os locais ocupados por esses corpos e a área de conhecimento da mesma. Para tanto foram apropriados os relatos enquanto referências humanizadoras, o subalternizado, indivíduo carente de cultura própria, violentado pelo sistema de classes, torna-se negro, o herdeiro de narrativas plurais, nas palavras do rapper Djonga, 2019, [...] Abram alas pro rei, ôôô, me considero assim, pois só ando entre reis e rainhas.” Para além da defesa de um conjunto utópico e alienante, foi proposto a composição do corpo preto em função da tecnologia, contra hegemônica é a narrativa que compreende que negras e negros foram tirados de África não somente pela força braçal, mas pelas tecnologias necessárias para a agricultura, extração de minérios e suas derivações. Logo, valorizou-se a ontologia, suas histórias, experiências e vivências, escrevivências. Traçou-se um paralelo entre o signo demonizado, *Esù*, e o signo marginalizado, Educação Física, objetivando a compreensão de que a subalternização pode ser ressignificada pela ocupação fundamentada dos espaços.

Sinteticamente, a construção do trabalho de conclusão de curso visou a constatação do *óbvio*, aquilo que como o nariz, está abaixo dos olhos e que, contudo, os mesmos não conseguem enxergá-lo. Tal qual a promulgação da *lei 10.639/03*, torna obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, assim como a luta dos negros no Brasil e sua relevância histórica para a formação da sociedade nacional em todo o currículo, em especial nas áreas de Artes, Literatura e História. Decretado até a criação de um feriado, o que na cidade de escrita desse trabalho, Goiânia, foi substituído pelo dia da santa padroeira da cidade, fato que por si só expõe qual a cultura valorizada por esse conjunto social. A noção do *óbvio* está posta em função da Ancestralidade, para o povo negro em Diáspora, esquecer sua história, relevância social e cultural significa o epistemicídio de sua Identidade, como exposto anteriormente, não importa quantas máscaras brancas esses sujeitos utilizem, nunca se encontraram em Igualdade, devido suas peles negras. Logo, mais do que uma comunicação enquanto troca de uma porção de palavras, trata-se do conflito, da contradição, necessária para a produção de uma sociedade pautada em uma materialidade confluyente. Para além de considerações generalistas, tais quais identificou-se que as pesquisas da área foram insuficientes, defendendo assim, a necessidade de novas produções e análises para uma mudança do quadro proposto. Defende-se a tese de que o racismo em função de seus caracteres estruturais, exclui, segrega,

violenta, e deslegitima os saberes produzidos pelos povos alocados às margens, uma real alteração do sistema opressivo, estaria assente em uma lógica contra colonial que perpassa a valorização dos saberes ancestrais, dos corpos, terreiros, corpos-terreiros que através da trilhagem de seus caminhos são vistos, mas não ouvidos. Trata-se do reconhecimento do estudante como sujeito do seu processo de ensino-aprendizagem e do povo negro- protagonista da formação da identidade nacional, até mesmo, porque o “coração dos outros, é terra que ninguém vai”.

Será que a força da fé que carrega nosso viver

Pode mover montanhas pra gente poder passar

É a nossa oração pedindo pra Deus Oyá

(Péricles, 2012, faixa 14 do álbum Sensações)

REFERÊNCIAS

APPLE, M. **Ideologia e Currículo**; tradução de Carlos Eduardo Silveira de Carvalho. – São Paulo: editora brasiliense s.a. 01223 — r. general jardim, 160 são paulo — brasil

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade** -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN 978-85-98349-69-5

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=2018>. Acesso em: 03/02/2023

BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. 2015

BORGES, J. **Encarceramento em massa** -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 144 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-73-2

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares**. 2º Edição. Companhia Editora Nacional. São Paulo. BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA SÉRIE 5.^a * B R A S I L I A N A * VoL. 302.

CASTELLANI, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. – Campinas, SP: Papirus, 1988. – (Coleção Corpo & Motricidade). Bibliografia ISBN 85-308-0021-4.

CHAUÍ, M. **Ideologia e educação**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>

CHIMAMANDA ADICHIE: o perigo de uma única histórica. TED Talks, 2009. 1 vídeo (19'16"). Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg>. Acesso em: 31 jan. 2023.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas** ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194 ISBN 978-85-232-0483-9 Tradução de: Peau noire, masques blancs.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004.

GIL, Antônio C. **Modos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo. Editora Atlas S. A, 2008.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo. Editora Atlas S. A, 2002.

GOMES, I. **Negro drama [manuscrito] : narrativas estudantis negras, educação física escolar e educação étnico-racial** /. - Belo Horizonte, 2019. 192 p., enc, il. Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientador: Admir Soares de Almeida Júnior. Bibliografia: f. 92-96. Anexos: f. 97-192.

HAT-TRICK. Intérprete: Djonga. Compositor: Djonga. *In*: LADRÃO. Intérprete: Djonga. Belo Horizonte: CEIA, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGLAZ2izDiY>. Acesso em: 3 fev. 2023.

LIMA, I. BRASILEIRO, L. **A cultura afro-brasileira e a educação física: um retrato da produção de conhecimento**. Movimento, Porto Alegre, v. 26, e26022, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.93164>

MARANHÃO, F. **Jogos Africanos e Afro-brasileiros nas aulas de Educação Física: Processos educativos das relações étnico- raciais**. -- São Carlos : UFSCar, 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2009.

NOGUERA, R. **O ensino da filosofia e a lei 10.639** - 1.ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014. 136 p. ; 21cm. Inclui bibliografia ISBN 978-85-0526-4 (Pallas Editora) ISBN 978-85-333-0747-6 (Biblioteca Nacional).

OYÁ. Intérprete: Sorriso Negro. Compositor: Péricles. *In*: SENSACIONES. Intérprete: Péricles. São Paulo: Som Livre, 2012. (4'22''). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YMFynroEkIg> . Acesso em: 3 fev. 2023

PEREIRA, M. SILVA, M. **Percurso da Lei 10.639/03: Antecedentes e desdobramentos**. 2016

PONTA de Lança (Verso Livre). Intérprete: Rincon Sapiência. Compositor: Rincon Sapiência. *In: GALANGA Livre*. Intérprete: Rincon Sapiência. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. (3'35''). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw> . Acesso em: 10 fev. 2023.

POVO Guerreiro. Intérprete: Criolo Doido. Compositor: Ricardo Rabelo e Wilian Borges. *In: POVO Guerreiro*. Intérprete: Criolo Doido. São Paulo: Oloko Records, 2018. (3'40''). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=595vpTIEGVk> . Acesso em: 3 fev. 2023.

REGO, T. **Vygotsky : uma perspectiva histórico-cultural da educação I.**- Petrópolis, RJ : Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento) Bibliografia. ISBN 85.326.1345-4.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**- Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 164 p. ; 21 cm. ISBN 978-85-65679-92-3.

SÁLÁMÌ, S. **Cânticos dos orixás na África** – São Paulo: Editora Oduduwa, 1991. Texto em iorubá com tradução para o português. Bibliografia ISBN 85-85336-03-X

SAMBA-ENREDO 2019 - Xangô. Intérprete: Emerson Dias e Quinho. Compositor: ema Chagas / Francisco Aquino / Fred Camacho / Getúlio Coelho / Leonnardo Gallo / Marcelo Motta / Renato Galante / Vanderlei Sena.. *In: XANGÔ*. Intérprete: Emerson Dias e Quinho. Rio de Janeiro: G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bN98usP39g> . Acesso em: 3 fev. 2023.

SANTOS, J. **Masculinidades negras no cinema nacional**. – 2021. 78f. : il. (algumas color.) , enc. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Fuckow da Fonseca, 2021. Bibliografia: f. 70-78. Orientador: Roberto Borges.

SANTOS, R. **O marxismo e a questão racial no Brasil**: reflexões introdutórias. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.19 n.34, p.100-113, jan. /jun.2015.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. — (Coleção educação contemporânea).

SIMAS, L. RUFINO, L. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1 ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124 p. : il; 21 cm. ISBN 978-85-65679-76-3.